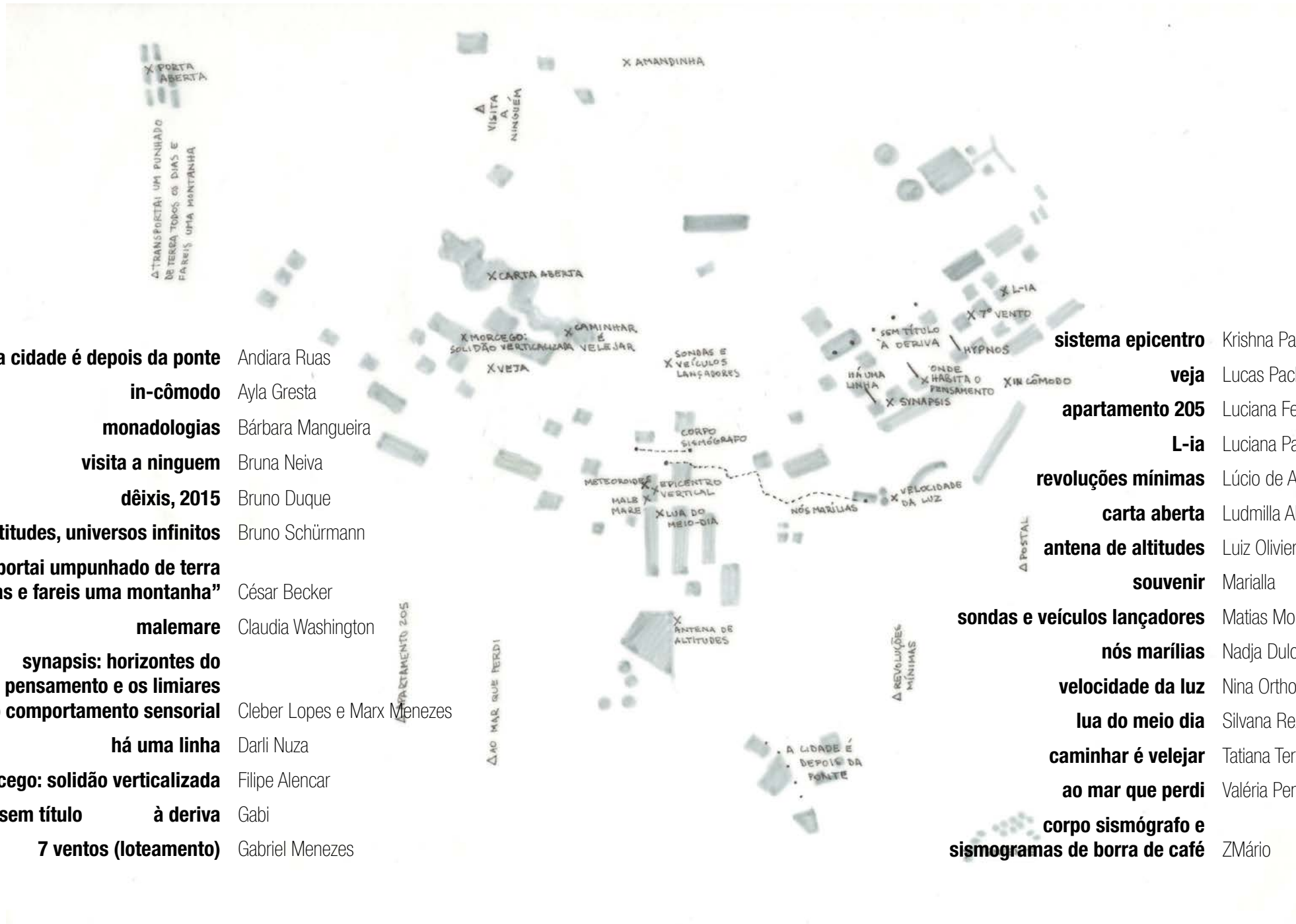




Revista metaGraphias
Coordenadas Vagabundas

Brasília, dezembro de 2015



a cidade é depois da ponte	Andiara Ruas
in-cômodo	Ayla Gresta
monadologias	Bárbara Mangureira
visita a ninguém	Bruna Neiva
dêixis, 2015	Bruno Duque
baixas altitudes, universos infinitos	Bruno Schürmann
“transportai umpunhado de terra todosos dias e fareis uma montanha”	César Becker
malemare	Claudia Washington
synapsis: horizontes do pensamento e os limiares do comportamento sensorial	Cleber Lopes e Marx Menezes
há uma linha	Darli Nuza
morcego: solidão verticalizada	Filipe Alencar
sem título	Gabi
7 ventos (loteamento)	Gabriel Menezes

sistema epicentro	Krishna Passos
veja	Lucas Pacheco
apartamento 205	Luciana Ferreira
L-ia	Luciana Paiva
revoluções mínimas	Lúcio de Araújo
carta aberta	Ludmilla Alves
antena de altitudes	Luiz Olivieri
souvenir	Marialla
sondas e veículos lançadores	Matias Monteiro
nós marílias	Nadja Dulci
velocidade da luz	Nina Orthof
lua do meio dia	Silvana Rezende
caminhar é velejar	Tatiana Terra
ao mar que perdi	Valéria Pena-Costa
corpo sismógrafo e sismogramas de borra de café	ZMário



Coordenadas Vagabundas 1 foi uma ação coletiva desenvolvida por 31 artistas pesquisadores (mestrandos e doutorandos) do Programa de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília que cursaram a disciplina Poéticas Contemporâneas I, ministrada por mim no primeiro semestre de 2015. A ação, que teve duração de três dias, foi composta de intervenções artísticas pela cidade de Brasília.

Os trabalhos expostos reverberaram as questões trabalhadas em sala de aula durante o semestre, entre elas: as noções de horizonte, paisagem, viagem, altitudes/longitudes/latitudes de uma geografia cambiante e em eterna constituição. Uma geografia íntima que revela que o mesmo espaço pode sempre ser outro.

Aqui as intervenções urbanas são como demarcações sensíveis que acabaram instituindo pontos de observação singulares sobre a cidade vivida. Um convite a assumir uma posição, a tomar posse, a ativar o olhar. Interferências efêmeras que balizam outras margens, são como nós, traços-de-união, revelando uma situação. Uma situação paisagística que nos uniu aos espaços, porque paradoxalmente deles nos distanciou. Com as intervenções constatamos que a cidade se expande à medida que se descortina, à medida que cada lugar construído pelos artistas estabelece uma aliança, um elo singular que nos faz (re) ver os espaços de sempre.

Assim, entre distâncias variáveis e limites fluidos emergiu uma prática artística, um pensamento-paisagem (COLLOT, 2011). Entre diferenças inevitáveis e aproximações imprescindíveis se construiu um trabalho coletivo feito de coordenadas vagabundas que nos incitam a vagar por uma cidade inventada... estamos onde não estamos...

Se cada coordenada à sua maneira revela um mundo, vagamos porque finalmente situados.

Profa. Dra. Karina Dias

Programa de Pós-Graduação em Arte
Universidade de Brasília - UnB



a cidade é depois da ponte Andiará Ruas Simão

Eles dizem que moram num buraco. E que a cidade, a cidade é depois da ponte. Estão submersos. Não enxergam o outro lado, não visualizam nem vislumbram o horizonte.

Defendem-se, comunicam-se agressivamente. Não falamos a mesma língua. Incômodo! Convido-os a pensar a cidade: território, lugar, espaço, limite, percurso, destino, trânsito, deslocamento, assalto, família, rompimento, diversão, velocidade, pessoas, drogas, violência, distância, companhia e solidão, são algumas das palavras que surgem, que emergem.

Com as palavras, construímos uma trama. Um emaranhado de apontamentos, com letras e linhas de todas as fontes e tamanhos, que se unem e se expandem formando uma grande rede. A imagem posta no quadro negro sugere um grande mapa. Agora, pausa para uma breve pesquisa. Plantas baixas,

mapas genéticos, mapas digitais, mapas de navegação e mapas de tesouros. Mapa mental.

Sugiro que desenhem o trajeto feito de casa até a escola. O que mais chama atenção? A escola, que tem nome de anjo, é social. Recebemos todo tipo de questões. Agressões, abusos, falta de afetividade, deficiências, carências, trocas justas, participação, planta, música, circo, festa e mais desentendimento, falta de diálogo, um afeto, um toque, gente bem miúda carregando vidas dentro de si, gente pequenina que se vai, se esvai, desaparece.

Papéis, canetas, lápis de cor, réguas, traços precisos, gestos incertos, mãos tremulas. Algumas mentiras e verdades muito verdadeiras. Mas olha, veja só! O que aparece nos mapas é vivo! Tem cor! As imagens são as mais diversas possíveis e sugerem uma grande viagem. O olhar vai

penetrando e se perdendo nas ruas apontadas, esquinas, becos sem saída, praças, fontes e encontros. Também, já não me espanto, são jovens muito ricos.

Você já viu um moleque desses soltando pipa? A pipa vai muito alto, muito longe. É difícil de focar. Quando plana entre o vento e o raio de sol, que ofusca o nosso olhar, encontra o céu azul de mar. Esse azul infinito daqui do planalto, esse azul imenso. Um azul raro, azul claro, é para lá que eles vão. Se transportam nas rabiolas, trepidantes, a pipa aponta rapidamente para um lado e, por um segundo, paira no ar. Não

cai, contorna, sobrevoa, gira e volta a rodopiar. É uma dança muito particular, que só eles, mestres em voos altos, sabem comandar. Que técnica! Quanta precisão! É divertido! Ouvem-se os risos e as gírias, mas nem sempre é calmo, acho mesmo que nunca é. Eles disputam territórios até no imaginário, até lá, bem longe, onde só eles sabem chegar. Uma pipa encontra a outra. Eles correm. Não fogem. Duelam no ar.

Jovens como esses, que fazem voos tão altos, deveriam segurar na ponta da linha e se deixar levar. A pipa não apareceu nos mapas. E muito rapidamente ultrapassam-me

muitas dimensões, num vácuo de sons e luzes peculiares, tomada de susto, como quem acorda caindo, estou de volta à terra. Camada por camada. As bandeiras, as ruas, as árvores, os rios (eles conhecem tudo que é tipo de córrego e nascente), pessoas, animais, atropelamentos, mais assaltos, intervenções urbanas, o vizinho, o melhor amigo, a árvore que a vó plantou no início de tudo... Início de tudo? Início de tudo o quê?
- No início da cidade, alguém me responde em tom debochado.
Ah! Então, se “a cidade é depois da ponte”, pergunto:
- De que lado você está?

incômodo Ayla Gresta

vazio cultivado x (de)composição vegetal

Inversão do ato arquitetônico: a materialização do lugar se dá na inauguração do vazio. Seria uma ação de libertação da arquiteta? sem demanda, sem programa de necessidades (sem necessidade alguma), sem cliente, sem lote, sem permanência.





A intenção é, contudo, o velho desejo de domesticação da paisagem, visando a sua apreensão ao fazê-la ceder à geometria e à escala funcional. “Parece que todo o destino da arquitetura tem sido sempre o da colonização, o pôr limites, ordem, forma, introduzindo no espaço estranho os elementos de identidade necessários para fazê-lo reconhecível, idêntico, universal. Pertence à essência mesma da arquitetura sua condição de instrumento de organização, de racionalização, de eficácia produtiva capaz e de transformar o inculto em cultivado, o baldio em produtivo, o vazio em edificado.”¹

..... mas a matéria que cinge o espaço o precede e é espontânea, baldia, marginal.

O empreendimento se mostra fora de escala, como as folhas cortantes que ultrapassam a altura humana em até dois metros. Seria preciso o extravagante investimento mecânico dos jardins franceses ou das terraplanagens da esplanada do ministério para configurar ali a planejada experiência espacial. A vegetação até cede, é cortada por roçadeira, foice, podão; mas não se deixa formatar, é falha, bamba. Vence. a imprecisão orgânica impede a existência do cômodo e mostra ao intento arquitetônico que sua presunção é absurda.

“Construir já é em si mesmo habitar. (...) Não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos. (...) ‘wunian’ significa permanecer, ‘de-morar-se’ (...) ser e estar apaziguado ”²



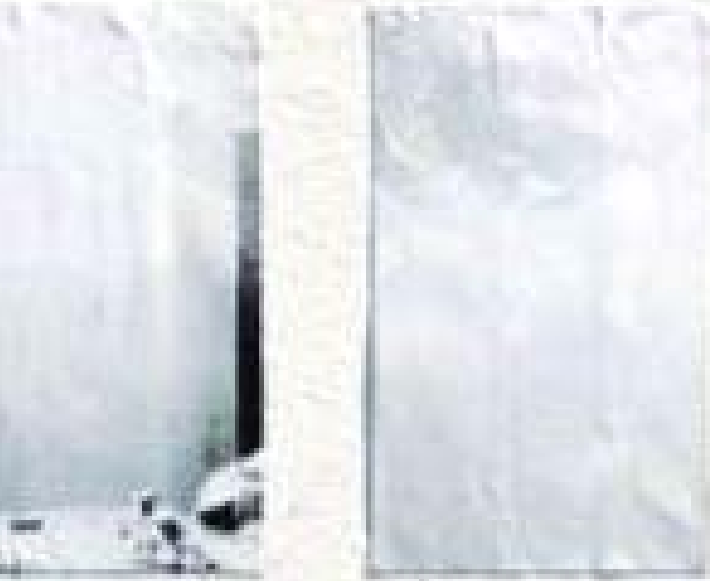
Quem habita casa concreta não vê ali apaziguamento algum. Não se demora. Os insetos, o piso instável, os automóveis que passam rente e os odores enfatizam que estamos em território inseguro, estranho e desconfortável. A impossibilidade de formar abrigo com quatro paredes de mato, piso de terra e teto de céu tomou a construção impraticável. A indefinição da construção não evocou o habitar. (quicá para alguém?)

“Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência.” O mato balança maleável, soando ao vento: inculto, às margens da via, guarda, mesmo em tomo da clareira aberta à força, sua despreziosa essência. O incômodo do não pertencimento teve que caber em mim.

1 Solà-Morales, Ignasi de. Territorios. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009. Tradução livre do espanhol<?>

2 Bauen, Wohnen, Denken] (1951) conferência pronunciada por Martin Heidegger por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em Vortäge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback http://www.proub.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf

monadologias Barbara Mangueira



Fragmentar é burlar a confiança nos limites. Sustentar um ponto de tensão, um ponto de vista. Ponto de vista de mônada: espaço situado e convivência de toda temporalidade. Uma questão de limite, que nos leva à medida: qual o espaço mínimo de uma tensão?

Para sustentar a tensão, não ceder ao sentido. Não resolver em um a diferença.

Ao invés de definir, reunir sob um mesmo espaço: colocar em relação um ponto que ancora e um ponto que distende. Acomodar as mônadas, implicar o que é distinto em uma na outra. Preservar o espaço que surge em suspensão.

Devolver o pensamento ao espaço me parece, portanto, um problema de disposição e pausa.

Contra o sucessivo, o simultâneo

Minha geografia pode ser pequena como uma fresta, fissura que se fez numa movimentação geológica do tempo (falha de plasticidade de camadas, também uma questão da pintura). Um problema de espaço é um problema dos coexistentes, do cheio e do vazio como uma falsa questão.

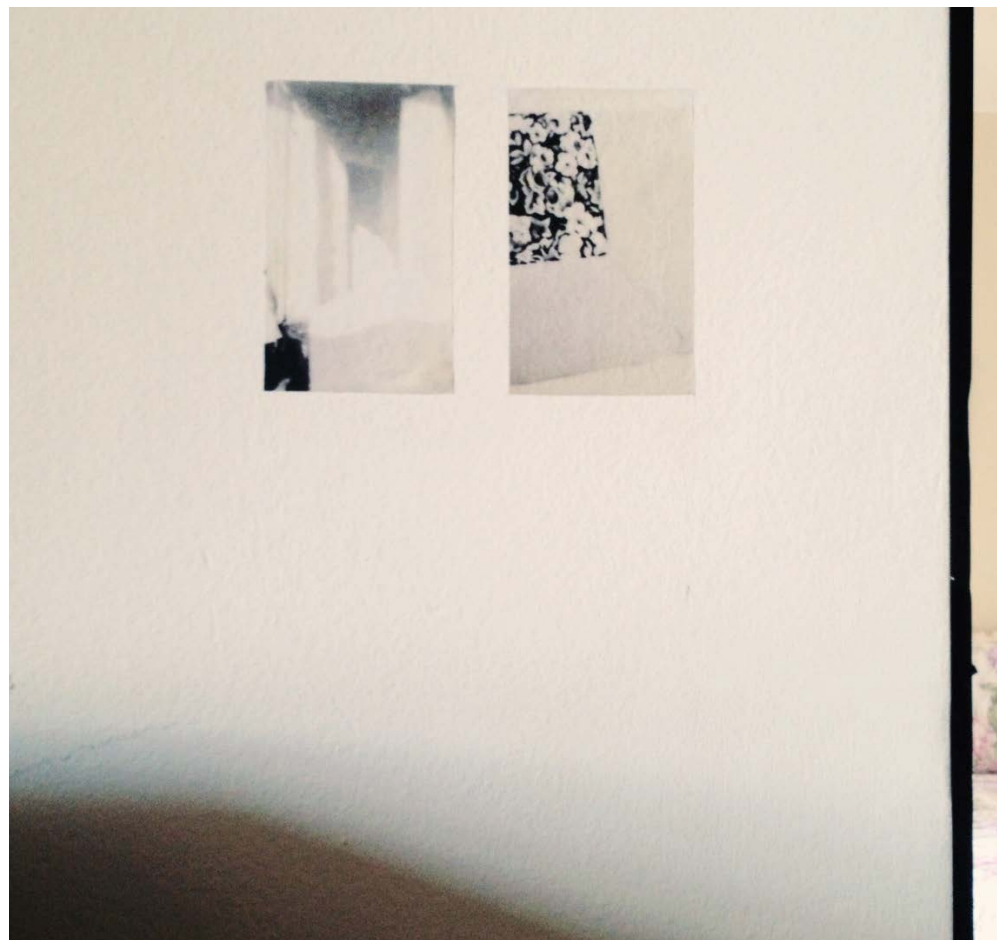
Diz-se da grisaille “camada morta”, do cinza “incolor”, quando na verdade ausência é apenas um modo diverso da presença.

A camada morta é a poeira sedimentada de um tempo anônimo. Acervo para uma materialização.

Dispor na relação mínima o um e o outro

Este é o espaço do Oriente.
Reconhecer sua própria língua em terra
estranha, portanto, também um Oriente
próprio. Sobre como dois pontos
de tempos e espaços distintos se
colocam lado a lado, criam um espaço
projetivo de uma nova reconfiguração
sem no entanto atar nó algum.

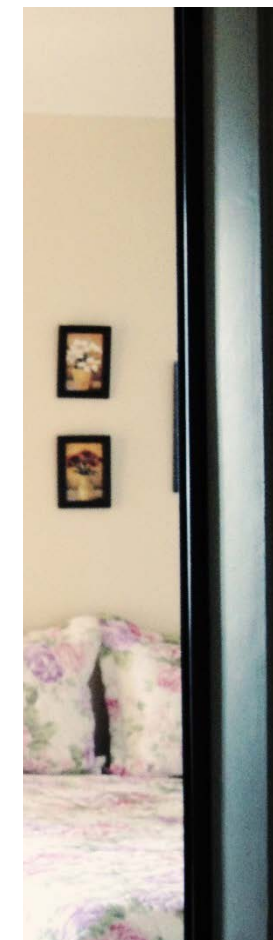
Se o outro é minha janela para o
mundo, penso que na casa amiga as
janelas são oceânicas.
O movimento do mar, confiança no
desconhecido, a condição mínima do
pensamento.



Da vastidão ao fragmento

Da volta para a casa, a
expansão se pontua em
uma distância mínima
e necessária entre
a visão e as coisas.
Pequenas vibrações
de uma ressonância de
profundezas.

Alcance da vista de um
olho humano: infinito de
redobras em uma fresta.



visita à ninguém Bruna Neiva






amansando a casa
conhecendo a vizinhança
de quem não está
nem mais
nem ainda

dispersando memórias
escondendo tesouros

no mapa, a promessa
caminhar
circular
e nada mais.





dêixis, 2015 Bruno Duque

A obra dêixis vivenciada por um grupo de artistas visitantes, que se deleitaram à beira da piscina a qual continha as águas que, ali passando, haviam se perdido do mar. Observando as nuvens que formavam e deformavam o céu azul do meio dia dos domingos, aqueles Deuses do Olimpo sopravam o ar ensolarado que movia montanhas de água e desorientava todas as camadas de nuvem-algodão. Cada bússola procurando coordenadas vagabundas flutuava em campos magnéticos nascidos de redemoinhos.

Querubins que surgiam durante o banquete, se saciavam entre mel e ondas, enquanto o tempo ia para frente e pra trás nas palavras dos locutores do vento.

Os espaços de convivência têm inúmeros rincões, todos claros e sincronamente descobertos enquanto esperam.

Espaços são apenas partes de outros espaços. A convivência é separada por eles.

De diversas origens, dêixis veio do entendimento, da tentativa, das lentes e dos espelhos.

Origem, porque saiu de outras pessoas (mas às cobrou o retorno)



Entendimento, porque um filete de ideias atravessou o abismo

Tentativa porque o resto queria ir também

As lentes e os espelhos são coisas de astronomia. Desde a mais amadora até a mais almejada.

Explorar espaços e ideias alheias, oferecendo-lhes outros olhares e outras experiências num reconhecimento do que já está dado. A arte é uma manifestação do coletivo. Neste sentido não existe “originalidade”, e sim uma continuação de ideias de uns em outros, seguidas de suas manifestações.

As artes contextuais são fios que tecem outras artes.

“O ‘contexto’ designa um conjunto de circunstâncias nas quais se insere uma acontecimento, circunstâncias que estão, elas mesmas em situação de interação (o ‘contexto’, etimologicamente é ‘a fusão’, do latín vulgar contextus, de contextere, ‘tecer com’)” (P. ARDENNE)

“Um artista pode entrar neste contexto e criar um conteúdo que vai ser potencializado e revitalizado de uma forma que não poderia acontecer se este contexto não fosse preparado.” (G. YOUNG BLOOD sobre a obra de Kit Galloway e Sherrie Rabinowitz)



Preâmbulo

Que distância é preciso percorrer para que uma experiência seja considerada uma viagem?

A que altura é preciso se elevar para conseguir contemplar o mundo em que habitamos?

Partindo do pressuposto de que o cosmos pode ser observado tanto no céu com ajuda de lentes telescópicas, quanto em pequeno ponto no solo com ajuda de lentes microscópicas, concluo para mim mesmo que não é preciso haver deslocamento algum. Uma viagem ocorre essencialmente no movimento da mente e do olhar.

**baixas altitudes,
universos infinitos** Bruno Schürmann

Plano de viagem

Foi pensando nesse sentido que me ocorreu a ideia. Uma aventura cuja jornada é baseada em um único e simples movimento do corpo: o movimento vertical, do olho até o sólo. Um voo certo no sentido oposto ao de Menipo, para baixo. Uma viagem onde o vôo se confunde e se mistura com a própria queda.

Me dei conta então de que já a havia iniciado há 3 ou 4 décadas quando, ainda criança, passeava com uma lente de aumento pelo chão, fascinado com a penugem da grama, com a imensidão das gotas do orvalho, com a complexidade simples dos pequenos insetos e corpos que habitavam aquele universo. Porém o que mais me fascinava era o poder que aquele aparato me concedia de ver todas aquelas formas que se escondiam de nosso olho nú.

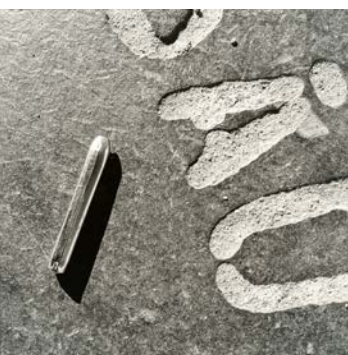
A partida

Não hesitei, fiz as malas, reuni meu equipamento de viagem (boné de legionário, protetor solar 60 e meu velho iphone 4S com o aplicativo de fotografias que simula alguns velhos efeitos de laboratório) e lancei-me então neste mergulho intrigante nas profundezas do chão, explorando universos escondidos, passando por pedaços de história camuflada, atravessando momentos subtraídos, contemplando verdades desconstruídas, garimpando estilhaços de sonhos esquecidos.

Meteoróides

Considerando que toda viagem tem um propósito, mesmo que seja de não ter propósito algum, estabeleci um: vasculhar, capturar e trazer para o universo visível, imagens de objetos invisíveis a um corpo de distância. Objetos que ora habitaram uma vida, que tinham nela um sentido, um significado, provavelmente até uma função, e que, em determinado momento, de alguma forma, foram apartados deste contexto e lançados no espaço. Fragmentos de vida que vagam esquecidos e ocultos, orbitando o centro da terra em algum ponto de sua superfície.

Tal qual meteoróides que se desprendem de corpos maiores, meteoros ou planetóides e são condenados a vagabundear pelo pelo universo, designados a nada, sem qualquer efeito sobre movimento geral dos demais corpos celestes.



Diário de bordo

A cada mergulho uma expectativa, uma experiência, uma surpresa. Grande parte deles seguidos daquele “barato” que temos por falta de oxigenação do cérebro quando nos levantamos muito rapidamente.

Os objetos passam a existir quando deles tomamos conhecimento. Meia hora de viagem e já nem precisava mais procurar, estavam todos lá, visibilíssimos.

A viagem foi registrada em uma coleção de fotografias, expostas no mesmo ambiente onde foram capturadas. Me apropriei de 20m² da órbita superficial tangente de um dos espelhos d’água existentes no Complexo Cultural da República, onde lancei, apenas para os olhares atentos e dispostos, minha coleção de meteoróides.

MULTIMÍDIA

>> stopmotion visitaçã

3'37" youtube

https://www.youtube.com/watch?v=Ubr0IP_lwBY

>> os meteoróides

<https://www.behance.net/gallery/29517995/baixas-altitudes-universos-infinitos>

**“transportai um
punhado de terra todos
os dias e fareis uma montanha”**

César Becker



O cume

Dispor o material, em vez de construir. Gravidade. Corresponder ao comportamento do material: deixar cair, suspender e inclinar.

Tudo se estabelece no chão, tudo se acumula e se amontoa. Peso.

Incursões pela cidade e entorno, um massivo amontado de terra solidificado como grandes rochedos e montanhas sedimentares se ergue do solo em debandada vertiginosa em direção aos céus.

Meus sentidos são transportados pelo movimento vertical dos cumes. Logo me pus a escalar por impulso, em direção aos topos e coletar o seu material como tentativa de dominar a grandeza e imensidão do cosmos.

Como suspender e transportar uma montanha de terra?

Uma caixa foi construída.

Seu conteúdo se revela na possibilidade de compreensão da montanha pela terra que escapa levemente, por entre e sob os dedos das minhas mãos que fecham ao seu redor.



A queda

Aquilo que se torna pequeno nos torna maior.

Deixo a terra escapar pela minha mão, que oscila em um abrir e fechar correspondente ao crescimento e diminuição do monte da terra depositada. Meu ser se engrandece quando penso na idéia de suspender a montanha.

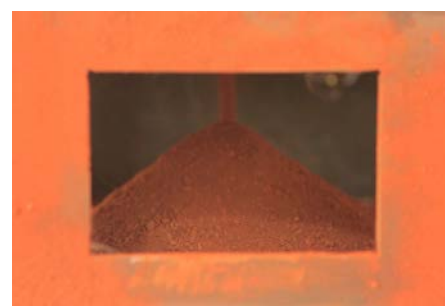
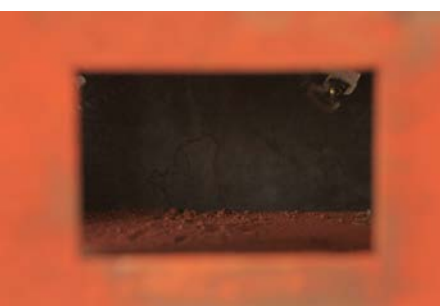
Sedimentos escapam pelos meus dedos e toneladas de terra são estratificadas. A montanha perde sua dureza, e milênios de formação geológica se transformam em movimentos incessantes daquilo que aparentava ser constante e imóvel.

A terra que escorre reconfigura a formação da montanha da qual ela foi coletada. Pouco a pouco o monte se reestabelece, as partes se transformam no todo.

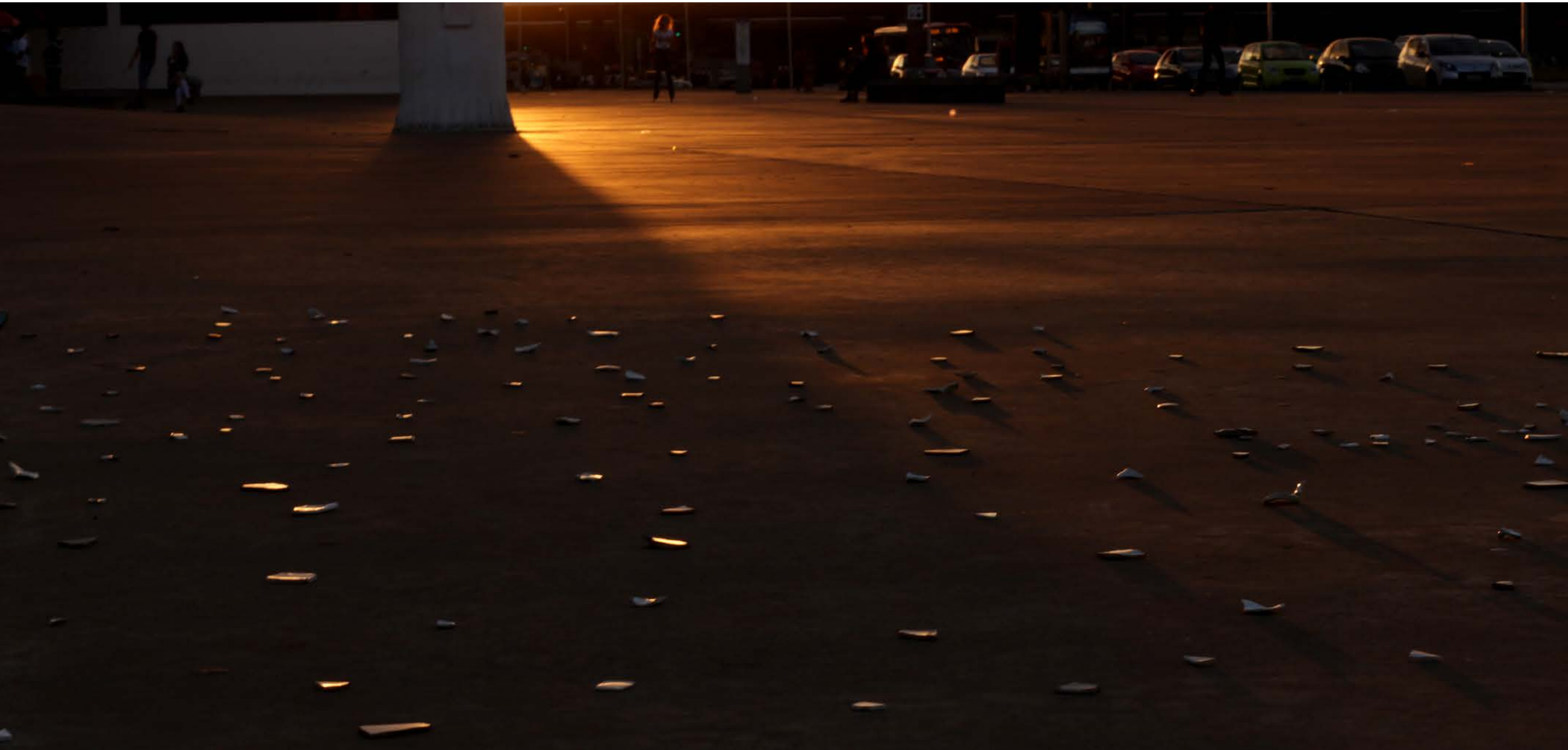
Estou escalando mais uma vez a montanha e suscetível aos vetores gravitacionais da queda.

Quando o montículo chega ao cume, estou fitando novamente o horizonte.

Começo a me questionar até onde a terra que escorre acaba por se tornar extensão do meu próprio corpo. Ocorre uma transubstanciação, a terra se transforma, eu sou a própria montanha



malemare Claudia Washington



Umⁱ diz que somos crianças macaco que aprenderam a se reproduzir. Outroⁱⁱ, que quando conseguimos superar nossa situação quadrúpede e ficamos nos dois pés a mirar o horizonte o homem mostrou seu sexo apontando para a frente enquanto a mulher o escondeu.

Me agrada pensar que posso ser uma criança macaco. Me intriga a oposição.

Quando se escava o andar é rasteiro. O corpo se revolve entre a imensidão aérea e as profundezas minerais.

Depois de já bem exercitados sobre os dois pés e com meios de voar, mergulhar, perscrutar grutas abissais, nossos sexos não estão mais no mesmo lugar. Agora mudou a regra do esconde-esconde. As crianças macaco podem brincar. Apesar do passo hirto que até os cacos assola.

começo/auge é ocaso
Caco, o ladrão filho do fogo,

decadente gigante semi-homem, morreu porque cometeu a cagada de querer devorar as vacasⁱⁱⁱ do herói. Caco a ex-louça fina que brilhava na cristaleira e por engano, propósito ou preguiça esfacelou no chão. Inglórios retornam à terra em seus devidos buracos.

male mar
male mare
male mal

Não ser visto e ser visto ao longe
Percorrido em torno e entre
Atravessado
Pisoteado
Acariciado
Em cega névoa baça^{iv} sem fio lhe resta rasgar

As minhocas e suas manchas oculares
Caco e a desmesura
Modulações da sombra

Cacareco
Espelunca
Antro
Abismo da luz difusa

À menor brisa o lago se cobre de olhos^v.

Quem, de fato, conseguiria “lembrar-se” de todas as flutuações dos movimentos das ondas^{vi}? Mas o sonhador de mundo não olha o mundo como um

objeto, precisa apenas do olhar penetrante^{vii}. Meus olhos têm um brilho totalmente diverso. Receio que eles façam buracos no céu^{viii}



NOTAS

ⁱ Agamben em Ideia da Prosa.

ⁱⁱ Serres em Variações sobre o Corpo.

ⁱⁱⁱ Um magnífico rebanho de gado vermelho.

^{iv} O herói na caverna de Caco dito por Virgílio na Eneida com tradução de Manuel Odorico Mendes.

^v Bachelard em Devaneio Cósmico.

^{vi} Luria em A Mente e a Memória. “S. queixara-se muitas vezes de ter memória fraca sobre rostos: ‘Eles mudam tanto’, dizia. ‘A expressão de uma pessoa depende de seu humor e as circunstâncias em que se dá o encontro. O rosto das pessoas muda constantemente; são as diferentes gradações de expressão que me confundem e fazem com que seja tão difícil recordar rostos.’ (...) S. via rostos como padrões mutativos de luz e sombra, o mesmo tipo de impressão que uma pessoa teria se ficasse sentada à janela observando o fluxo e o refluxo das ondas do mar...”

^{vii} Bachelard em Devaneio Cósmico.

^{viii} Nietzsche num ensaio da juventude em Devaneio Cósmico de Bachelard.

synopsis: horizontes do pensamento e os limiares do comportamento sensorial

Cleber Lopes e Marx Menezes



Inacessível inconsciente.

A paisagem tranquila denota controle, mas não autocontrole. Um controle além do subconsciente.

Como se concentrar na realização das tarefas? No desempenho do pensamento?

Fluxo interno e externo em batalha estética. Estado de atenção. O imaginário agita, a máscara freia, disfarça, denuncia.

Localizar-se espacialmente, especialmente, nas fontes do olhar é, muito provavelmente, a maior responsável por essa verossimilhança, mas o lugar, ahhh! O lugar é de atuação, interpretação, representação, verdade, vida.

Uma vez que o poder da imaginação é cheio de segredos, de centenas de milhões de pequenas células nervosas que se comunicam umas com as outras, através de pulsos eletroquímicos.

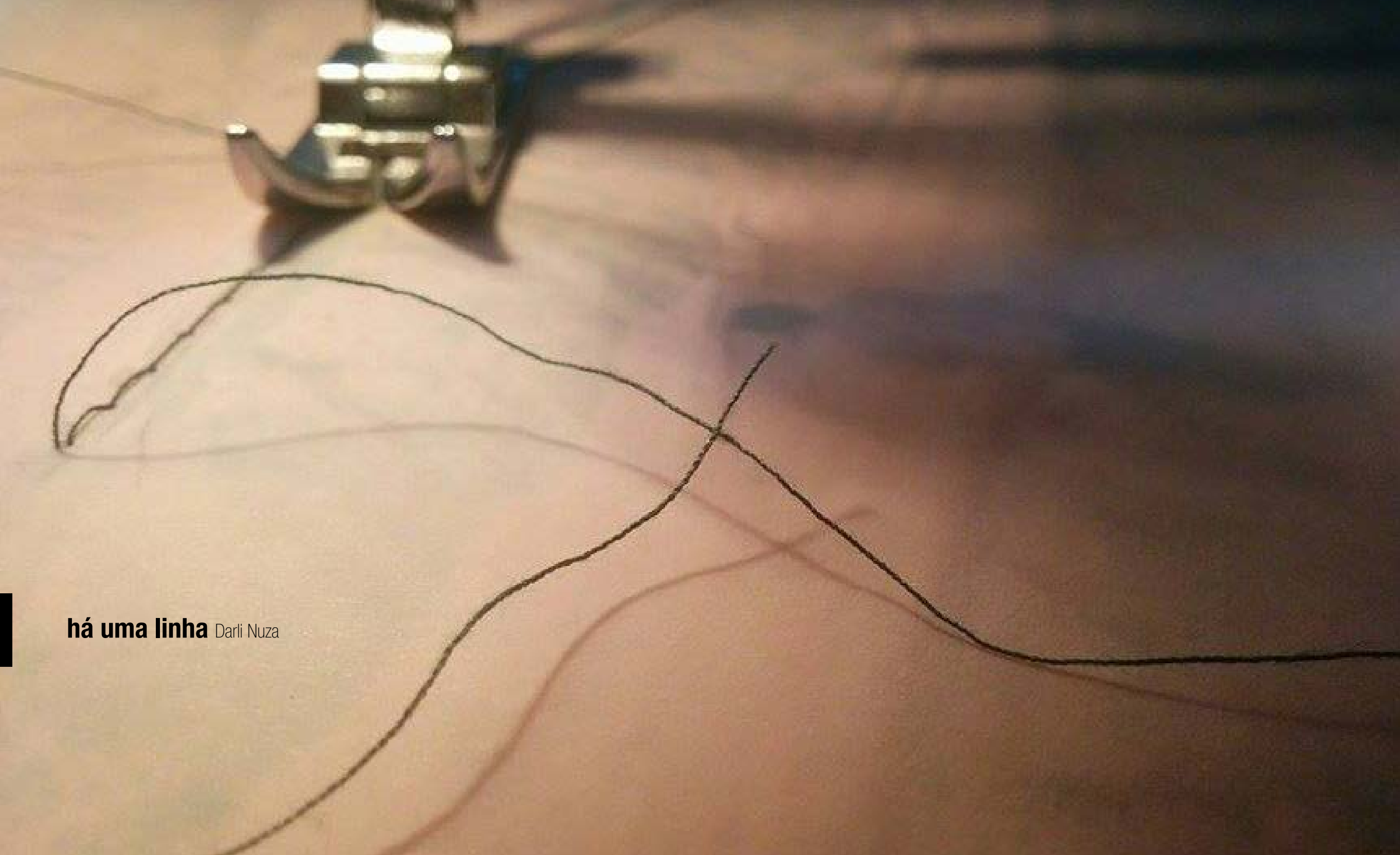
Torna-se imperativo a busca por respostas, perguntas, sentimentos, sonhos e movimentos, sem os quais não seria possível expressarmos toda a nossa riqueza interna e externa, e nem perceber os sabores, cheiros, luzes e brilhos.

Na busca por si mesmo, um outro ser pode ganhar maior importância, mais visibilidade, já que permite com que o cérebro continue sendo o centro do “eu”, objeto de constante embate com àquele que se parece ser.



Mesmo que se gaste muita “massa cinzenta” para entender o mundo ao seu redor, o ser humano é, ainda, pequeno demais para compreender a si mesmo.

Que as entranhas mais profundas do subconsciente se abram devagar, e dele surjam sentimentos e emoções que, provavelmente, não poderemos analisar.



há uma linha Darli Nuza



há uma linha.

um corte. um fio. **um som.** maquinários.

a agulha sobe e desce. costura e corte. caminhos.

tesourinhas. a batida no pé **da máquina marca o passo.**
o trajeto se (des)faz. **criam-se novas passagens.**

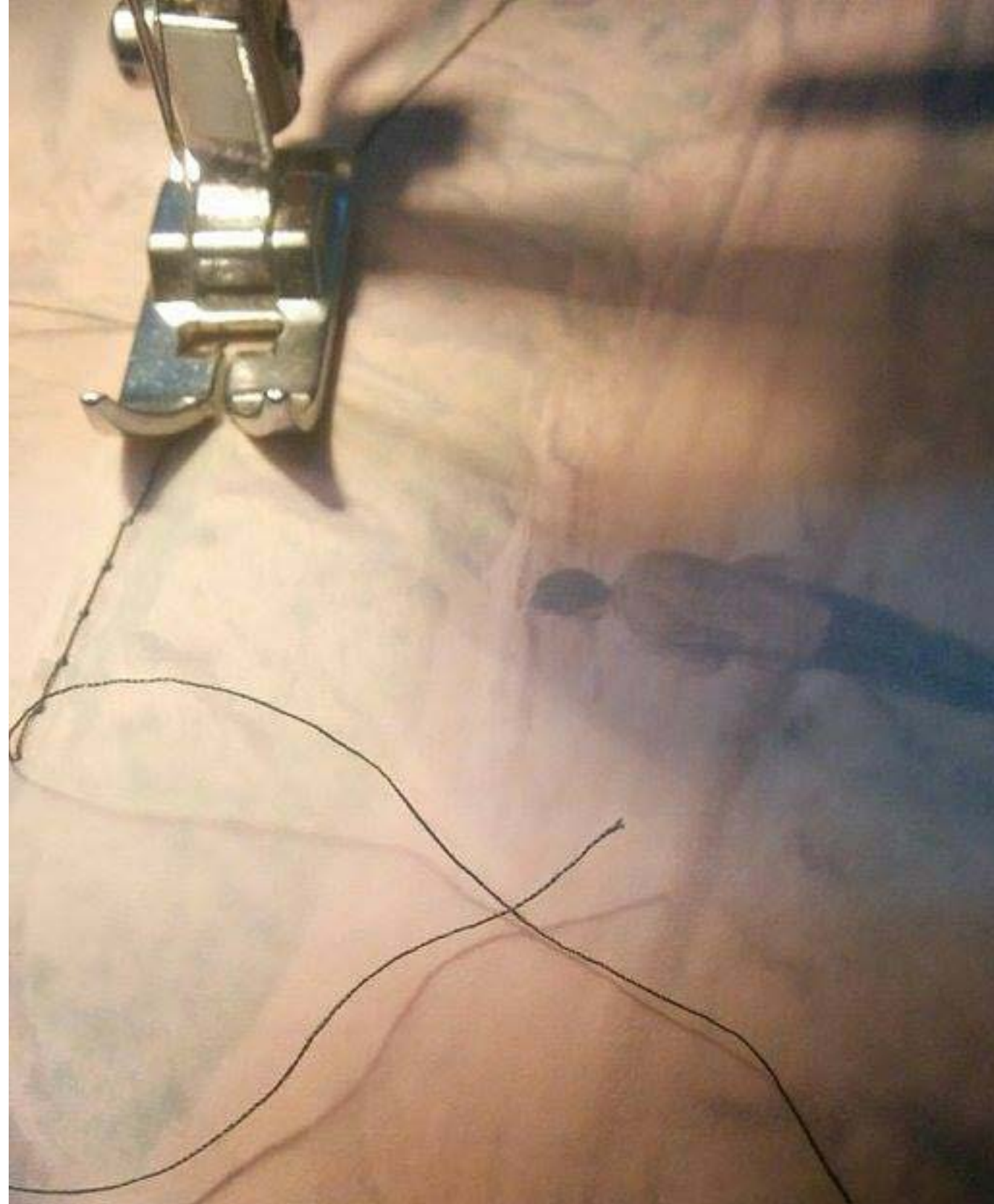
uma aqui.

outra acolá.

modifica-se o terreno. **altera-se o papel.**


fere. eis uma abertura.

há uma linha.



Num movimento oblíquo do chão, que se aproxima apressado, envolto em paredes circunflexas, predivas do congresso com a profundidade, vislumbro o deserto: árido, carregado pelo vento de possibilidades infinitas do horizonte, além de onde jamais pensei prever. A altitude da extensão de paredes, verdadeiros muros, intransponíveis.





Muros resvalados contra
minha ascensão. Reafirmam o
abismo em que me aprofundo
num salto vertiginoso ao vazio.

O calor, carregado pela luz às
minhas costas, descortina, à
minha frente, a vastidão de
mim mesmo. Aquece-me o
interior, cegando-me os olhos
em busca de seus raios.

Volto-me, então, para a
fundura, estendida em mistério
e receio.

Diante da sobrevisão da qual
me apodero, ao pender-me
num sentido e direção únicos,
pelo tempo que se desdobra,
compreendo as intenções
mais profundas, enterradas
sob a areia.

Camadas, finas, alvas;
dilaceradas sob o jugo do
vento.

Como a liberdade plena
que se esfacela por entre

os dedos e escorre quente,
num retorno em direção à sua
própria plenitude.

Se aquecem, rastros de
anti-pegadas, de volta a
mim mesmo. O caminho de
regresso.

Marcas (des)conhecidas.

Sou convidado à paisagem
interna, o panorama desvelado
que se apresenta eterno e
compreensível, exposto à
medida que o mundo se eleva
e se apresenta em uma
única dimensão. Espaço e
tempo confundem-se e
contradizem-se.

Imerso neste palácio
impassível, desprovido de
cômodos, vejo as paredes
ruírem numa linha que se
liga a si mesma, de uma
ponta a outra, situando-
me exatamente aqui - no
presente-, separando-me de
domínios alheios, hostis.

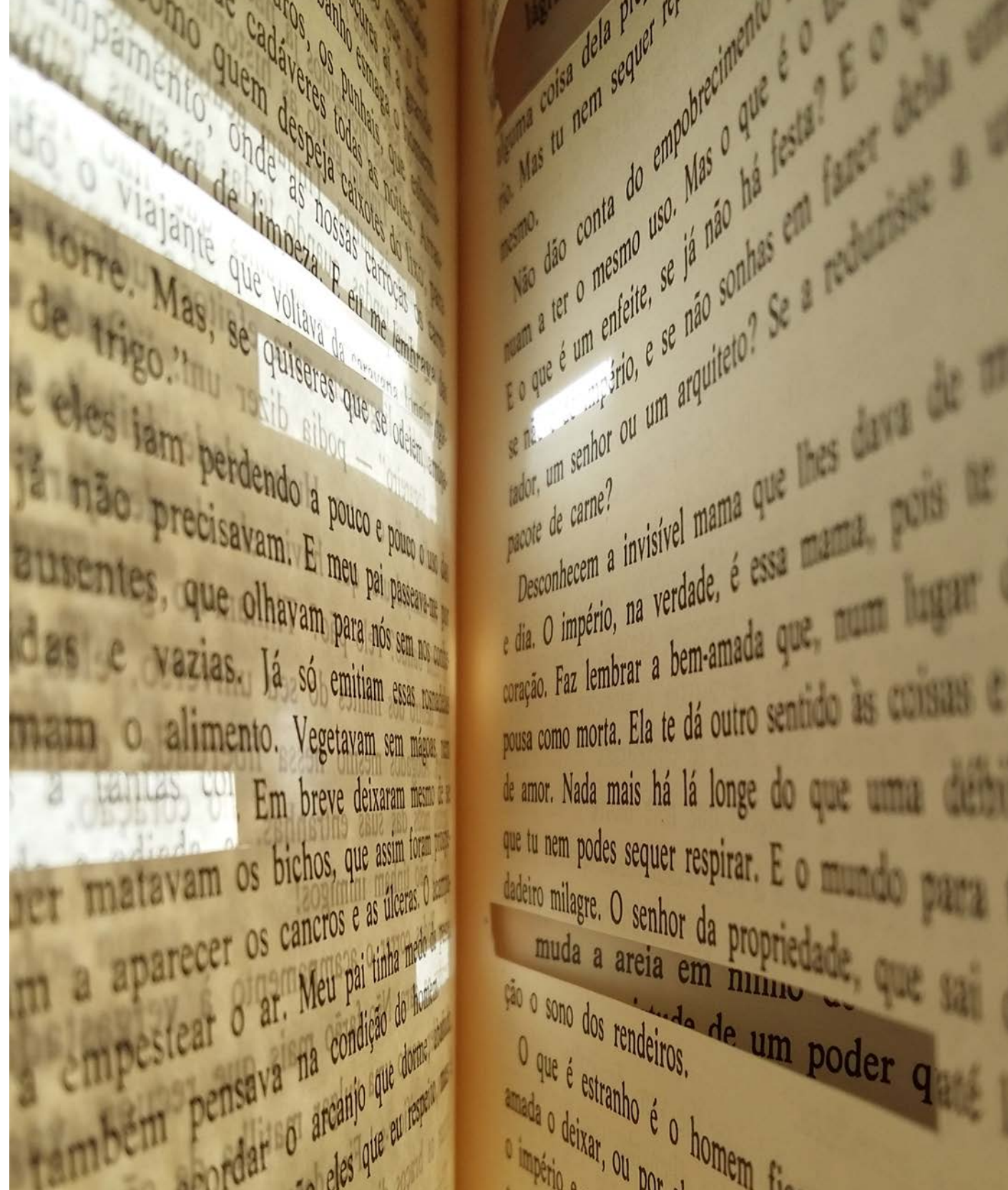
Mergulho na profundidade
sem fim.

Em encontro com o
desconhecido - de meu
coração e de minha mente.

O distante vislumbre, outrora
passado despercebido, agora
se faz quase materializado
diante de minha presença,
em corpo. Materializado de
tal forma que posso tocar
e inspirar; dissolver-me em
comunhão com a escuridão:
morada verdadeira, profunda;
agora intrínseca, plácida.

O cume, distante, toma meus
olhos – estada passageira,
derradeira -, em movimento
que me recorda do salto como
percurso último, dissolvendo
qualquer expectativa,
trazendo-me de volta para
onde permaneço, enfim.

sem título



à deriva Gabi

Abri um livro (

em poucos minutos me encontrei com os pensamentos de alguém que falava sobre o deserto, a areia do tempo, um poço com pouca água a refletir uma única estrela e a solidão de uma cidadela construída dentro de si. das páginas que roçam uma na outra ouço o bater de asas. as folhas de um lado para o outro anunciavam o voo. enquanto sobrevoava as palavras, fiz também pequenos pousos. pousei entre frases, habitei vírgulas e pulei reticências temendo me perder infinitamente. nessa geografia particular, me reconheci. assim nasceu a vontade de construir o meu próprio mapa. aquele mapa que escapa num sopro e retorna quando não pensamos em nada. aquele mapa desconhecido e invisível que permanece em segredo e só aparece quando falamos na vastidão da noite ou penetramos numa terra imaginária, através dos olhos de outra pessoa. da pele da página retirei o reflexo do meu rosto

(ao mesmo tempo cegou-me inúmeras vezes).

estado provisório do olhar. me perdi.
essa foi a minha primeira viagem.

enquanto leio, deixo vazios. enquanto leio, esqueço também. das aberturas e rastros de silêncios, o livro respira. palavras nômades me acompanham a partir de agora. caminho na cidade que nasceu de um gesto simples. caminho na cidade que nasceu de um desenho. no encontro de duas linhas é possível criar um labirinto. sem rumo andei pela cidade organizada. com pequenas ruínas troquei palavras, troquei conversas. e nas paredes observadas com lentidão é possível ouvir alguma coisa. encontro mínimo. espaço-corpo. espaço-cidade. e quando nos propomos a viajar, tudo que aparece é percurso, até mesmo os vazios deixados pelo tempo e que não cessam de desmoronar. o céu, o vento, o acaso. (des) encontro. e uma única quadra infla, expande e torna-se viagem. e um único beco deixa de ser um traço apagado para tornar-se palavra ou uma frase interminável. o corpo ativa o espaço. um gesto efêmero me devolve o peso do corpo e me lança de volta.

(ao chão?)

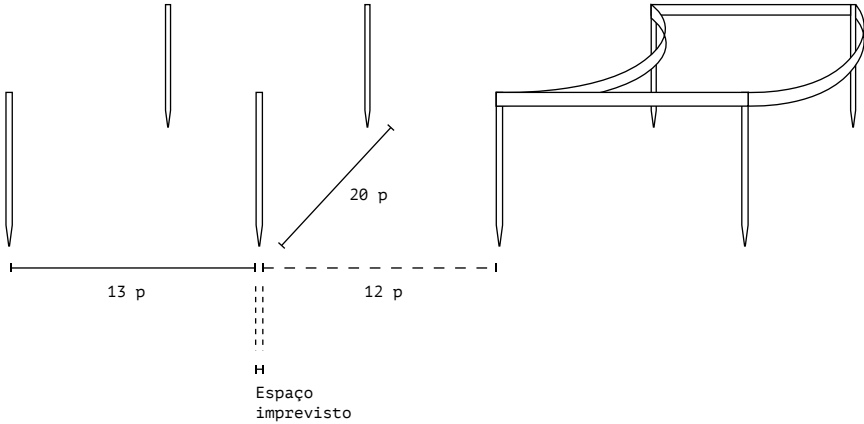
toco a página 85 e não estou em parte alguma. desapareço enquanto sigo adiante. sem linha de contorno perco-me nos outros. caminhar é um desenho realizado na textura do tempo. rastros sussurram uma cidade invisível que flutua enigmática na paisagem. respirei fundo repetidas vezes. caminho entre. acima das nuvens, eu vi.

e essa foi a minha segunda viagem...

) que não tem nem começo e nem fim.



7 ventos (loteamento) Gabriel Menezes



A atividade
Agrimensura é o ramo da topografia que estuda as divisões de propriedades rurais, urbanas e imaginárias. Associada a astrometria, baseia-se na posição dos astros para projetar sobre a terra as coordenadas de uma área demarcada.

O profissional
O agrimensor é apto a realizar o posicionamento terrestre, a medição do espaço e o delineamento de fronteiras.

Instrumentos de medida
1. Calçado tipo *passéio*, numeração 42 (BR); cor

preta; composto por base de borracha e cápsula de camurça;
2. O olho: Estação Total para ângulos e distâncias (em termos absolutos).

Loteamento
7 porções de um mesmo vento capturadas simultaneamente e dispostas lado-a-lado, em linha reta, igualmente distantes da porção adjacente.



sistema epicentro Krishna Passos

Epicentro

Objeto sonoro – 2015

50cm (altura) X 35cm (diâmetro)

Alto falante, amplificador, aparelho MP3,
água, pigmento e Aço inox

Enquanto a matéria repousa no mundo, regida pelas forças da natureza que a transmuta modificando suas estruturas e deslocando-a pelo planeta, ronda há milênios a espécie humana à espreita de uma total apreensão e domínio sobre as regras das leis físicas.

A forma que as coisas se apresentam no mundo e as convenções culturalmente aceitas são, na verdade, formas ilusórias de uma das muitas realidades possíveis no tempo e no espaço.

A distorção da realidade ou alteração da mesma pela simples curiosidade criativa fazem parte da mesma pulsão investigativa que desenvolve às nas ciências exatas através dos tempos, aqui, derivando em arte artifício, verticalizando as horizontalidades e aprofundando as diferentes noções de superfícies ((fundos)) na relação humano/matéria.



Como viagem em vertigem desvendamos rotas em fuga das rotinas do cotidianas, na fuga da ordenação das horas, nos compassos de paisagens diárias. Ali, na vertigem, desvela-se, talvez, o escondido.... de cada um e do todo.

É como se, na fuga ao controle escapássemos, enveredando-nos para a necessidade de uma outra forma de aprisionamento em liberdade de planos (expectativas), ansiando por um controle do incontrolável e pela apreensão do inapreensível. Mas é no traçado que a tudo foge onde esconde-se a surpresa ou decepção revelados nos percursos não planejados lugares não imaginados são visitados, sujeitos não previsíveis

se apresentam, objetos inexistentes se materializam. Na arte, assim como na vida, a abertura e receptividade para equacionar as rotas (plano), deslocamentos (caminho), destinos (lugar), permanências (pertencimento) e retornos (fruição) torna-nos estrangeiros de nós mesmos.

Visão distorcida da realidade

Alteração dos limites perceptivos da realidade das matérias.

Indecifráveis rotas, errâncias de destinos....

Para a eternidade da matéria o silêncio talvez seja a música





Veja este local através de uma pequena imagem estampada num produto de limpeza. Veja, um lugar distante construído a partir de 1687, pelos índios guarani, cuja igreja, construída em 1745, possuía três naves

com cinco altares dourados, com uma torre contendo cinco sinos. Veja as ruínas da catedral e algumas de suas colunas preservadas.



Veja este local, é a antiga *redução jesuítica* de São Miguel Arcanjo, integrante dos chamados *Sete Povos das Missões*. Veja está localizada no município de *São Miguel das Missões*, na região *Noroeste* do estado do *Rio Grande do Sul*, no *Brasil*. Veja é conhecida como as Ruínas de São Miguel das Missões. Veja é conhecida também como os *Sete Povos das Missões* - o sítio arqueológico.

Figuras I, II, III, IV, V, VI: Série de fotografias "Veja". Acervo pessoal, 2015.



Veja é um dos pontos turísticos do estado do Rio Grande do Sul, um local histórico e encantador pela sua beleza. Veja a antiga Igreja de São Miguel, que impressiona com a grandiosidade da construção – ainda mais quando se conhece a importância histórica do local, assim como em outras reduções jesuíticas da Argentina e do Paraguai, onde centenas de religiosos viveram entre os séculos 17 e 18 para catequizar os índios. Veja, pela sua importância histórica, foi tombada pela UNESCO por ser considerada Patrimônio da Humanidade.

O verbo veja aqui é ambíguo, pois tem duplo sentido, tanto no nome do produto, que é Veja, como na indicação Veja a imagem. Essa ambiguidade é semelhante ao *trocadilho*, no qual a palavra pode ser entendida de duas maneiras distintas, com a intenção de provocar *humor* ou *ironia*. Em geral, o primeiro sentido é literal e ingênuo (o nome do produto), enquanto o segundo (veja a imagem) tem um “tom” mais *sarcástico* e requer do público/consumidor ver a imagem e associar ao nome do produto. A escolha por este produto partiu de produtos de supermercados que tivessem duplos sentidos no nome.

Meu interesse aqui não é apenas colocar a imagem em circulação, mas provocar os “olhares” dos consumidores para uma experimentação do “ver” através de uma viagem em que se articula o ver e o não ver, ou seja, o conhecido e o desconhecido.

Na perspectiva de Dias (2008), seria ativar um movimento do olhar onde ver e não ver se articulariam, onde os pontos de não-visão, de um certo estado de cegueira se transformariam em *invisão*, em uma visão interna. Não se trata de ver tudo, de ver em panorama, mas sim de se aproximar para habitar, de detalhar para se situar, para olhar no mesmo, no espaço de sempre, a diferença. (DIAS, 2008, p. 130).

As imagens são coladas aleatoriamente nos produtos, sem a permissão dos responsáveis dos supermercados, com a intenção de que os consumidores possam levar para suas residências um produto de limpeza com uma imagem desconhecida, ou conhecida; isso implica em o consumidor ver a imagem. Na imagem não há nenhuma outra informação sobre o local, como o nome, estado, região, etc. Esta escolha de não



identificar a imagem tem como princípio não “denunciar”, não “entregar” a localização da ruína de São Miguel das Missões.

A partir da compra do produto espera-se que a imagem seja provocativa, promovendo no consumidor o interesse em buscar mais informações sobre a imagem ou possibilitar algum pensamento sobre o lugar, através da imaginação, fantasias, recordações e lembranças pessoais, ou seja, fazer com que “o movimento das imagens permita entrever por alguns instantes àqueles que as vê afastar-se de um passado e a possibilidade de um futuro” (TIBERGHIEEN, 2008, p. 196).

Outra questão que podemos considerar neste trabalho é pensar como esse local sai do seu território sem perder suas origens e suas características históricas através de um registro fotográfico que é reproduzido e colocado dentro de outro estado. É como viajar sem ter ido até o local e fazer parte da viagem através de registros fotográficos, narração do outro, filme e objetos que pertencem a outro local/região/estado/país/. Em consonância com Tiberghien (2008, p. 196), “a verdadeira viagem que nos permite escutar o que nossos olhos não vêem e descobrir esses não-lugares do mundo”.

Referências

- DIAS, Karina. *Notas sobre paisagem, visão e invisão*. In: *Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual*, v. 6, n. 1 e 2, 2008, p. 128 -141.
- TIBERGHIEEN, Gilles. (...). In: *Revista USP*, n. 77 195-1999, maio/maio, 2008.



www.apartamento205.com.br

Uma inquietação.
Disse, certa vez, Blanchot:
“(…) organizar, entretanto, esta terra como residência”¹.
Penso, todavia, que a terra se torna residência quando implode as suas fronteiras. Portanto, é preciso esgarçar os limites inventados entre o espaço interno e o espaço externo, entre a latitude e a altitude. (Onde termina a casa e onde começa a cidade? Onde finda a terra e onde inicia o céu de Ícaro Menipo?) O ruído como costura, margem que mistura o que, de fato, não se separa. Nasce de uma ocupação terrestre, mas só se comunica e se consoma no ar. A casa (o ruído) implode as suas paredes e habita a cidade.

Uma reflexão.
Camus afirma o medo da viagem em oposição à estabilidade da casa²... Mas qual estabilidade? Fazer uma experiência da dimensão estranha do familiar, o desbravamento de um território íntimo e, ao mesmo tempo, desconhecido. Um estrangeiro na própria terra.

Uma proposta.
A ocupação de um sítio por uma colagem sonora.
“Sítio”³:
1. localidade, povoação;
2. chão, terreno, especialmente aquele em que fazem pesquisas ou recolhas (sítios arqueológicos);
3. página da internet com informação diversa, acessível através de computador ou outro meio eletrônico.

1 A grande recusa,
em A conversa
infinita. São Paulo:
Escuta, 2010, vol.1,
p.73.

2 Esperança do
mundo – Cadernos
(1935-37). São Paulo:
Hedra, 2014, p.19.

3 <http://www.priberam.pt/dlpo/sítio>

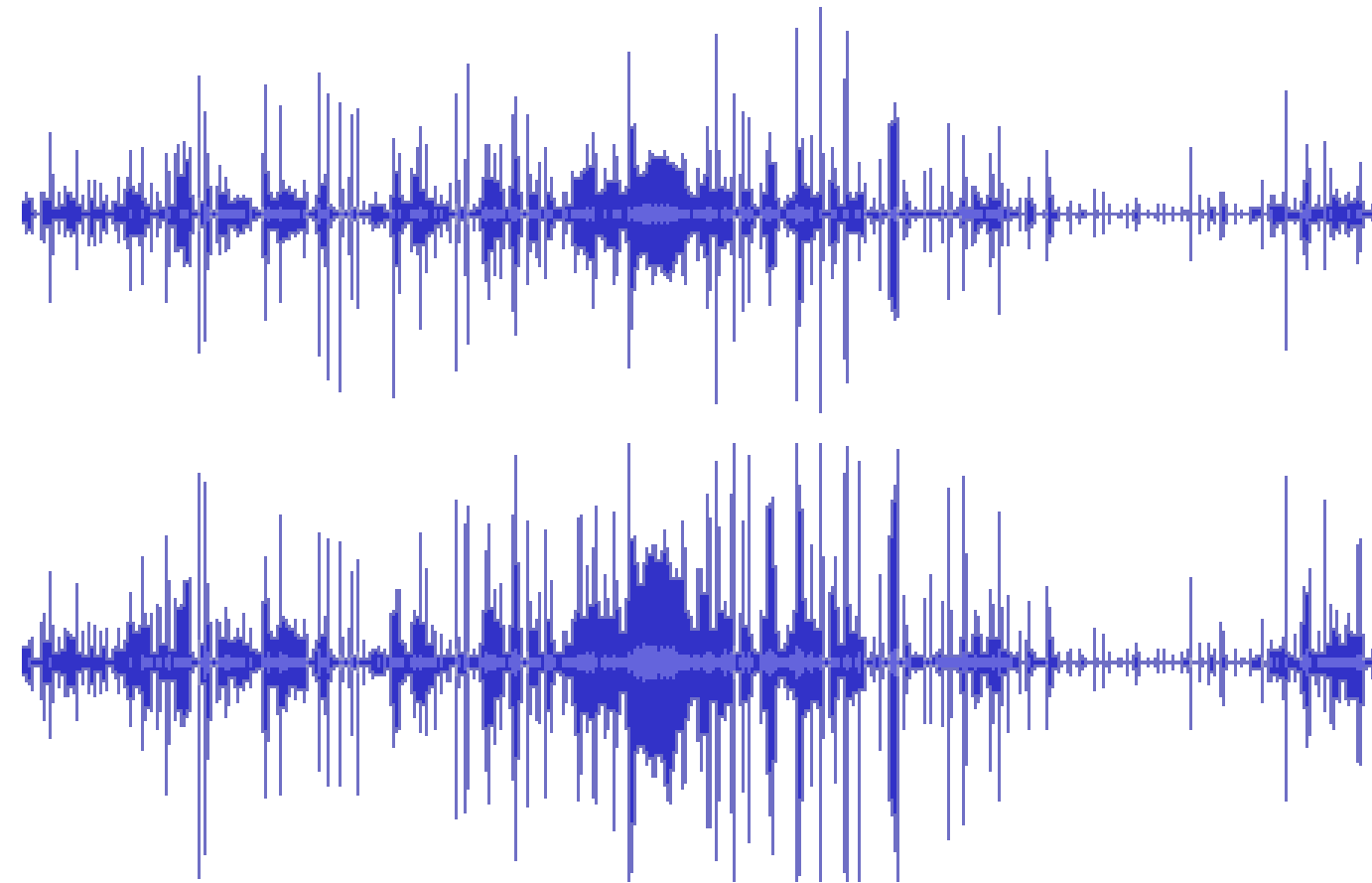
“Colagem sonora”:

1. eventos – no caso, ruídos ordinários de uma casa – recortados e rearranjados em um corpo único;
2. composição de restos.

Então,
Apartamento 205. (Quantos deles firmam residência em uma cidade?). Ruídos desse apartamento (meu?) partilhados em uma ocupação aero-virtual.

Uma colagem composta de fragmentos de 15 diferentes eventos sonoros rearranjados em um fluxo contínuo. Tempo sugerido para a fruição: 49’10” (exceto nos casos da repetição obstinada da experiência ou da recusa total ou parcial de realizá-la).

Um mapa.
www.apartamento205.com.br
Divulgação na cidade.



L-ia Luciana Paiva

A escrita é a imagem imóvel da montanha.
 Fotografia do tempo congelado em sua passagem.
 O disfarce do tempo sobre o deserto da página.
 A página é armadilha de capturar rastros. O livro é
 uma arquitetura estilhaçada, desmoronada, fatiada
 em finas partes. Ruína do tempo. Se "o azul é a
 escuridão tornada visível" (Paul Claudel), a palavra
 significa do avesso. Sem voz, sem forma, em sua
 não forma de pensamento que antecede o nome.
 A palavra narcisa ao contrário: não nomeia, forma-
 se superfície colorida. Transborda horizontalmente.
 Afogar a palavra de sentido. Acordá-la em azul.
 A pré-leitura do texto decifra a palavra crua em seu
 sentido próprio de palavra vazia.
 É na distância da escrita que reconheço o espaço,
 é na incomunicabilidade que o encontro é possível.

*O azul, seja como for, é algo de
elementar e geral, de fresco e
de puro, de anterior à palavra.*

Paul Claudel

*...a palavra é passagem e
âncora.*

Edmond Jabés

L-ia
Ele ia.
Ilha de si.

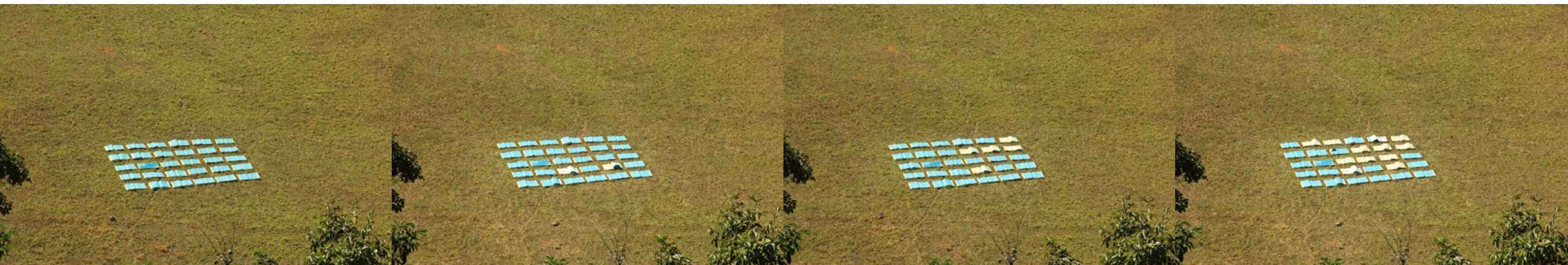
Des-lia.
A pré-leitura
O deserto da palavra.

A página antes da página.
Céu azul: página-cor em
movimento.
A superfície da escrita é a
imagem do silêncio.

L-ia
Ele ia.
Ilha de si.

Des-lia.
A pré-leitura
O deserto da palavra.

A página antes da página.
Céu azul: página-cor em
movimento.
A superfície da escrita é a
imagem do silêncio.





revoluções mínimas Lúcio de Araújo

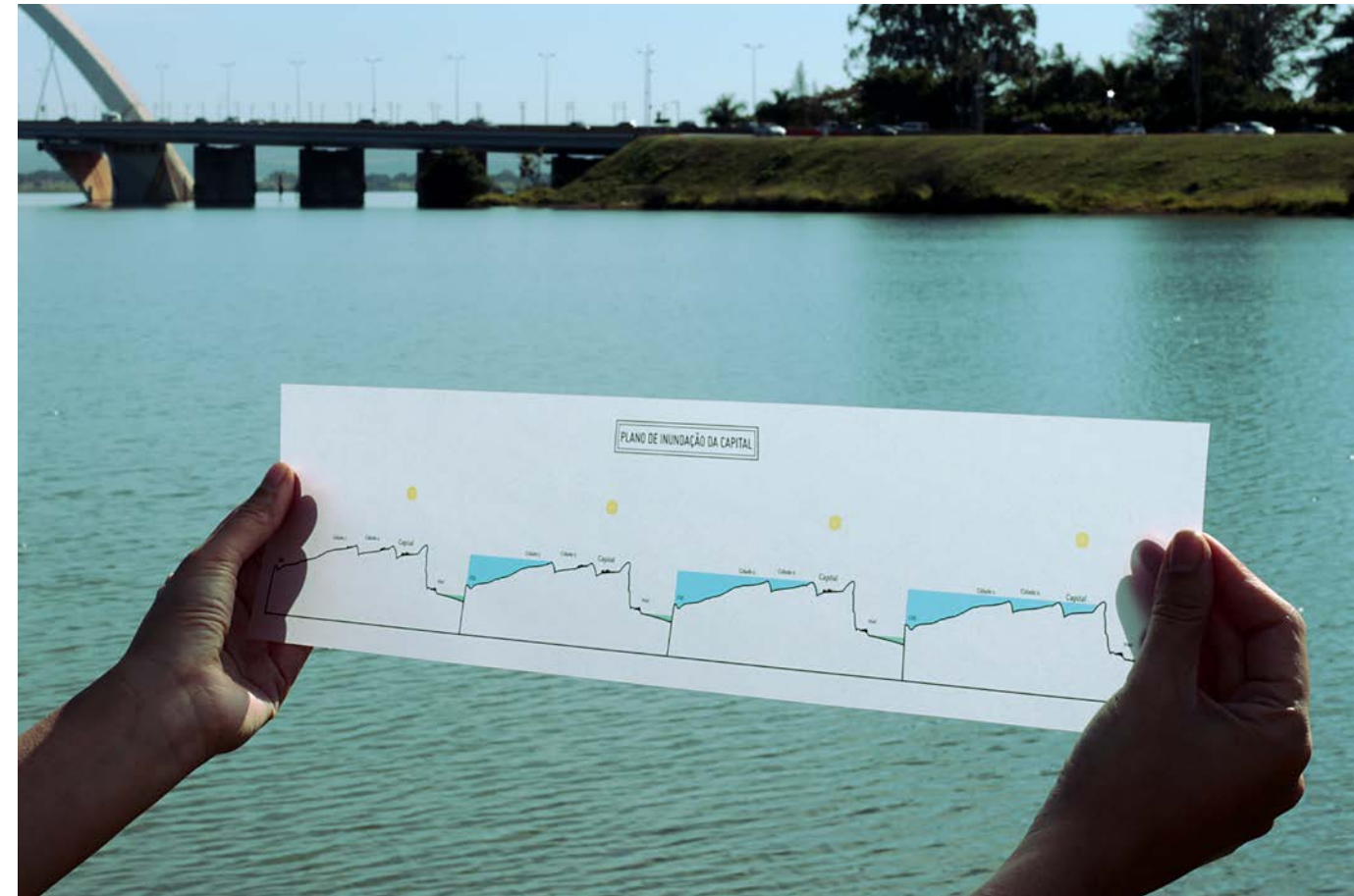
Lúcio de Araújo
Revoluções Mínimas
Cápsula de navegação
Lago Paranoá
Brasília – DF
2015

Consta que o plano foi exitosamente executado. Para conter a passagem da água foi necessária uma muralha que engoliu dezenas de milhões de metros cúbicos de pedra, engenhosamente empilhados e suficientes, até que os morros dessem finalmente as mãos no vasto vale. Sintonizados ao fluxo hídrico entoamos nosso canto anárquico ao passo que um novo mapa se desenha. As águas sobem ao nível planejado celebrando o término da última era cultural (a previsão é de que atinja a linha do horizonte). Soberba planificação em forma de espelho d'água. Mergulhamos de cabeça no reservatório que arbitrariamente forjamos

como demonstração de força. Convictos, fluímos ao movimento das ondas dando vida ao ritual de lucidez da existência e que será considerado de agora em diante um ente vivo esplêndido, sagaz. Uma vez que a velha ordem se autoaniquilou, nadamos contentes sobre suas ruínas, em poucos instantes todos os panópticos, mastros e bandeiras estarão submersos, já não são mais necessários, afinal nos libertamos dessa canalhice toda. O hábito entrou em crise. Declaramos impiedosamente: *Estado Alagado!* A cidade está arquivada. Um brinde às novas possibilidades, à quebra dos vínculos. Como um suspiro

cósmico eis que nasce agora outra lógica – incansável – inundando todos os espaços possíveis, penetrando pelas frestas. Movimento de pura astúcia líquida. A margem se adianta, o território se reconfigura e na medida em que o lago se amplifica vagamos inconformados em busca de saciar a sede do mundo. Corpos umedecidos, nossas identidades se dissolvem. Percebemos que em cada segundo há um abismo, composto de infinitos *déjà vus*, plenos de vigor. Jorros simultâneos, geradores de mais e mais devires lagos, com propriedade de fender o presente embrutecido e estacionário. Sentidos aguçados, seguimos nossos instintos. Do momento oportuno criamos nossas rotas de fuga, o desejo é navegar, todo o além nos interessa. É preciso estar atento, pois após o dique há uma queda, igualmente necessária, a fim de dar conta

dos excessos, vazão aos desejos, fluência da mudança em ritmo próprio. Outros lagos acontecem para além dessas margens, estão conectados por inúmeros afluentes que se resolvem cada qual à sua maneira, afinal o terreno é amplo e fácil de se perder. Nesse outro tempo o dentro e o fora são permeáveis, indiscerníveis. Viveremos passo a passo, segundo as intensidades, no incomum do necessário. Agora a antena mais alta está submersa e as últimas caravanas já partiram em busca de novos abrigos. Sobrevivência requer adaptação. Tempo aqui é areia. Sob nossos pés a história de uma civilização. A memória balança e o esquecimento é nosso direito. O campo da probabilidade abre para nós o caos – *Derivamnese*. Nessa reminiscência o devir do novo tempo, quem sabe, continuará a nos surpreender.



Lúcio de Araújo
Revoluções Mínimas
Plano capital
Lago Paranoá
Brasília – DF
2015

> Lúcio de Araújo e
Claudia Washington
[Plano de inundação
da capital](#) (link)
2012

*Bastaria um momento de distração
para afogar os cinco continentes.
O mar não tem remorsos
(Edmond Jabès)*

O pedaço inteiro, pendula.
Preso e solto no muro, e o
muro, que é página e corte,
sujeito ao risco

aos pedaços,
tudo
sujeito a desaparecer e até: durar
enquanto desprende na passagem cada
ponto-no-tempo de seu movimento.

A linha atada ao prego fixo
ata um pedaço de carvão.
(desde 3 de julho,

mês mais árido
confirma o dito - que aqui se vive
numa ilha, um deserto)

Olhar o muro
que deságua em vista de
mancha, gesto, tombo,
indeterminada espera. Vista
de tudo que se move - sem
deixar-se ver - e habita
um abandono de solidão
de pedra.

Após incêndio. (vazio
,
vazio)
Olhos murados. Conjunto
de marcas a dizer que não
nasceu ontem este princípio
de queda.

Cada vez mais distante das
palavras. E frases cada vez
mais arredias: souberam
que o menor gesto pode fazer
saltar pedras da rocha,
rachar caminho,



Passagem de horizonte a
muro. Palavras oscilam à
procura do traço de um
pensamento se fazendo.
Palavras oscilam,
é um começar imóvel.

erguer distância maior.
Quando estiver na Praça das
Fontes, ande, ande, ande,
escolha um dia seco e assim
mais ermo. Ande. Meça todo
som que puder. Pense no fim,
não,
no sim:
perceba uma duração
que é outra.

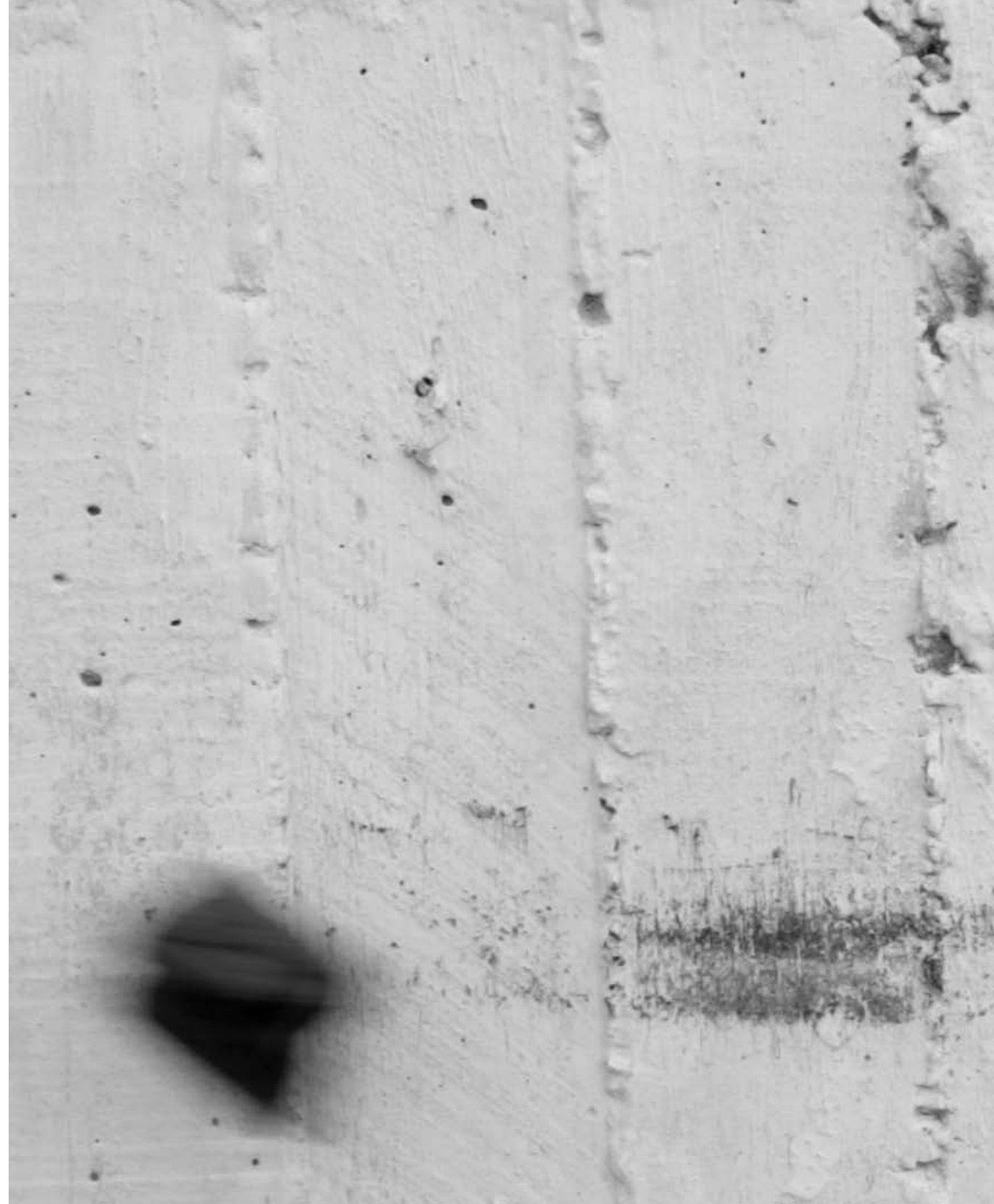
(todo movimento partindo daí)
eixos e direções, alturas.
Uma deslocação.
No fim das contas é este nó.
Língua que pesa. Pedras.
Palavras dizendo seu corpo
de gesto.



Procurando algo que viesse
a propósito de pêndulos,
encontram: silêncio. Mas os
pêndulos vieram a propósito
de outra coisa.
Talvez, na condição de surdo
mover-se, escrever um texto
que dissesse de ir a algum
lugar antes de tudo acontecer.
Ou dizer de ir depois de tudo
acontecer.



*Cada ilha deserta está pronta
a recomeçar o mundo.*
(Gilles Deleuze)



antena de altitudes Luiz Olivieri



MARAN

P. A. U. I.

ao se escutar o mastro,
vê-se a antena

o mastro silencioso, que era
a conquista da terra, passa
a reverberar o som de sua
estrutura metálica.

surge a possibilidade da
viagem, de realizar um
percurso, um *trajeto-
transmissão*,

retirar-se para outros territórios
e ir para lugares singulares:

o céu estrelado,
os planetas,
as nuvens,
sinos,
submarino.

experencia-se a instabilidade,
a tensão entre céu e terra, as
próximas e grandes alturas,
a vastidão espacial. Onde o
cosmos é mais íntimo.

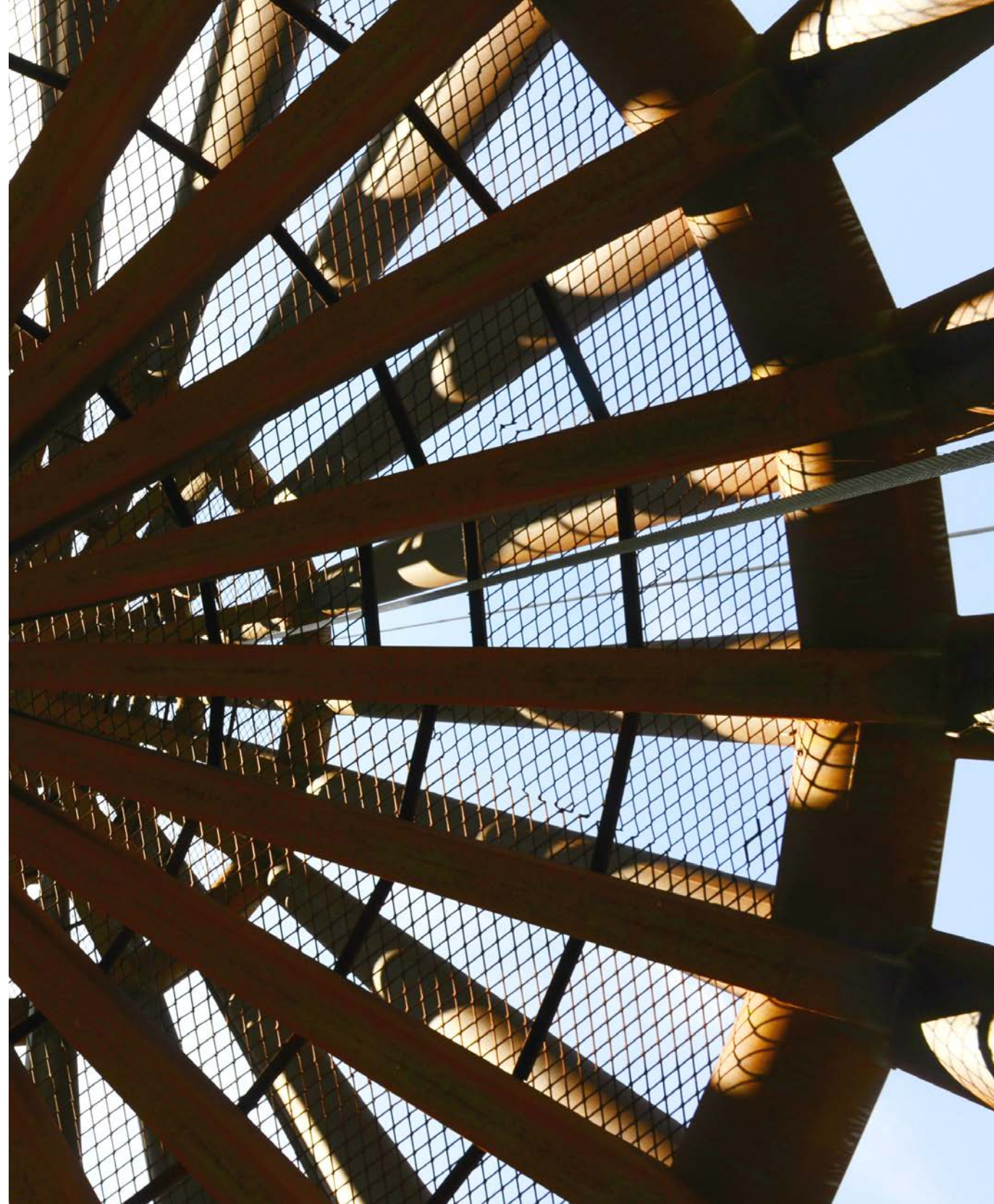
propagar

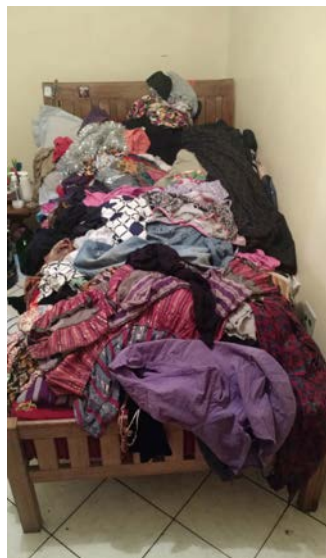
abrir parênteses, *“um lugar de
errância para o pensamento”*
(Gilles Tiberghien)

antimonumento-antena

além do cotidiano, dos
continentes...

redesenhar experiências,
subverter em direção a





O encontro a portas abertas *Souvenir* aconteceu em minha casa, domingo dia 05 de julho de 2015. No quarto de sempre havia uma arara com várias cascas. As pessoas entram na casa, no quarto, em mim, sentam na cama-abismo e disfrutam do horizonte – roupas. Mas não só, cada canto revela um detalhe escondido. Por cima da cama um caderno, registro duma viagem sempre mudada de destino e nunca feita, e algumas canetas para que compor o caderno fosse uma possibilidade. O caderno é fragmento da viagem, parêntesis da experiência. Recontar o acontecido é também reinventá-lo. Os escritos no caderno não foram revisitados durante a viagem. Essas frases, por vezes, soltas apontam fluxo contínuo. Como uma viagem de só ida, em que até mesmo voltar pode ser nova ida - já

que tudo muda – nem o caminho é o mesmo nem eu e tampouco o que se encontra.

A ação teve duração de doze horas. O ensaio a seguir é composto de fragmentos deste caderno.

Vou antecipar a viagem já que o abismo é meu vizinho. Frente a frente compartilhamos horizontes.

Nos vemos e sabemos ser outro. Sabemos nada!

No plano da viagem vou ao abismo. Aquela outra vista de tão longe mesmo mundo de mim. Outro lugar da mesma casa.

(onde estou? morada em mim)

Mim não vai à viagem por que preciso ir só. As preocupações de mim revelam que estou mais calma que antes. Esse caminho, que em algum momento já estive, é na minha memória desgastado. A lembrança é o fragmento da memória.

(Lembrança vagante revive memória sentida, mas o que chega até aqui estória)

Todo dia parece uma data viável.

Por essas palavras gritam o silêncio que a paisagem do meu quarto engole. Pra chegar ao ponto do desejo, no horizonte imaginado, preciso sair daqui daonde agora calor e conforto me habitam e ir. Desde dentro aqui quando comecei esse trajeto que diariamente vivencio a metamorfose que transforma o que era cama em abismo particular.

É daqui que consigo visualizar a menor montanha do mundo. Ela se localiza na rua que fica em frente aonde sempre vou. Parei no caminho, ela me desvia e aceito: não tenho relógio. Ela fica em cima de um bloco de concreto quebrado pela raiz de uma árvore grande. De tamanha pequenez, quis logo subir esquecendo de toda pressa, que mesmo sem relógio, habita em mim. E assim sendo no primeiro

passo, na primeira tentativa, já tinha passado a montanha e chegado do outro lado.

O relógio batia em minha veia rala. Foi preciso reparar, diminuir o passo, a pressa, o impacto. Experimentar outro tempo, eu flutuante. Quando a ponta do meu pé está no topo se esfarela a pouquíssima terra vermelha que há. O mais alto da menor montanha é o chão, as casas são tão altas que quase estrelas e as estrelas tão altas que só se pode ver de olhos fechados. A formiga é o novo dinossauro.

(a pequenice começou a devorar meus pensamentos) Em cima daonde consegui chegar tudo era abismo e mal podia mexer meus pés. O ar me convidou mais que tudo a perceber que a queda seria o propício fim da busca e a expectativa da diversão. Sem pensar e sem impacto, me lancei. Nas microfrações do tempo em queda me deliciava com o prazer do movimento. Se o tempo era pequeno, não sei de que tamanho sou.



Escalar. Mirar. Pular de um abismo para o outro. Queria no início trilhar caminho para longe das minhas montanhas ainda não-escaladas, mas não saio daqui daquele calor e aconchego que falei enquanto não viver o horizonte dessas . Enfrentar. Mirar. Escalar. Abismar e pular. (Passeando passaram dias em que escrever não se encaixou no roteiro. Até que o céu ficou transparente, na lua cheia e com os planetas escancarados, meu olhar



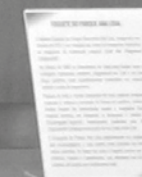
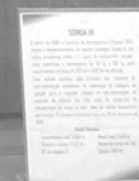
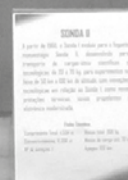
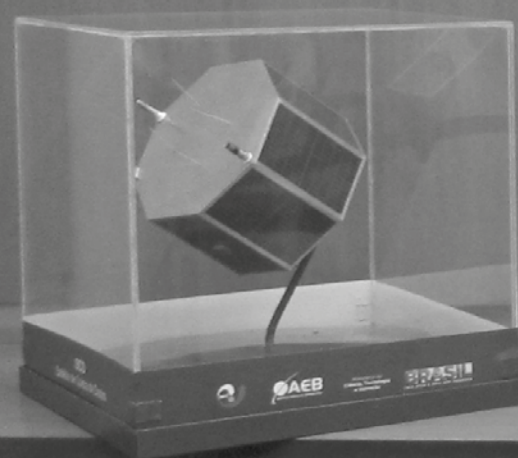
passou da grade ignorando-a. Saiu andando com minhas pernas e de repente o trilho do trem estava iluminado. Reconheci que esse caminho marcado se assemelhava aquela lembrança de minha memória já gasta, o revivi como pude. Preferindo andar pelas beiradas. O frio congelante fazia eu sentir mais quente ainda o calor que gero: criação fulminante, mostra fogueira no epicentro do querer esvaziar-se em mim. Todo fogo precisa de ar.)

sondas e veículos lançadores

Matias Monteiro

*o caminho do conhecimento
é sempre ladeado por
extraordinárias epifanias.*

mauro maldonato, raízes errantes



A inserção do Módulo Espacial do Parque Recreativo Ana Lída no contexto da exposição de longa duração do Planetário de Brasília parece selar a cumplicidade entre estes dois monumentos pueris da capital federal. De fato, ambos são não apenas contemporâneos (o Foguete do Parque Ana Lída precede em cerca de três anos a inauguração oficial do Planetário de Brasília), mas frutos do mesmo fascínio histórico pela exploração espacial.

Se podemos atribuir o intenso desenvolvimento de planetários no Brasil na década de 1970 ao sucesso dos programas espaciais norte-americano e soviético, o mesmo contexto engendrou o desenvolvimento de novos brinquedos e novas modalidades de equipamentos recreativos. Se Alberto Manguel pode intuir da tradicional prática lúdica de girar e rodar uma certa intuição pueril das volutas da Terra, os brinquedos de playground são menos sutis e tendem a converter o fascínio do rodopio em uma



Brinquedo em forma de Foguete para o Parque de Kiwanis Club, Ontario. Desenho de John Svenson, 1959

pedagogia cosmonauta. No contexto da corrida espacial, brincar de espaçonave insere a exploração espacial na esfera da cotidianidade; “O maior desafio da recreação hoje” dizia em seu catálogo a empresa Miracle “... é preparar nossos jovens para as maravilhas da era espacial de amanhã”.

De fato, é com um misto de surpresa e excitação que a revista LIFE em sua edição de 15 de março de 1963, alerta aos pais que as brincadeiras de bang-bang e de diligências daria espaço a uma nova forma de brincar: acionar foguetes e contagens regressivas tomavam de assalto os playgrounds conforme os parques se convertiam em verdadeiras zonas de lançamento e estações orbitais cobertas por uma arenosa topografia lunar.

Ao que parece, os primeiros brinquedos de parque com temáticas espaciais datam da segunda metade da década de 1950, quando artistas, marceneiros, carpinteiros e profissionais de funilaria eram contratados para produzi-los sob encomenda (demanda supostamente atribuída às próprias crianças). Logo o interesse pontual gerou uma indústria: brinquedos espaciais passaram a ser produzidos em grande escala e instalados em parques por todo o bloco soviético (ainda é possível encontrá-los em alguns parques). Nos EUA, diversas empresas passaram a desenvolver linhas inteiramente dedicadas ao imaginário espacial, conforme a demanda crescia e novos parques temáticos eram inaugurados. A diversidade de modelos produzidos nesse contexto histórico compõe o imaginário daquilo que hoje é conhecido como Cold War Playground Equipment (Equipamentos de Playground da Guerra Fria).

No caso específico de Brasília, o receio de novas invasões próximas a área do Plano Piloto e a necessidade de novos equipamentos urbanos para lazer, esporte e recreação, levaram a criação do Parque da Cidade. Uma de suas mais antigas atrações foi o Parque Recreativo, originalmente Parque Iolanda Costa e Silva (1971) e, posteriormente, Parque Ana Lúcia (1973).

O Playground é notoriamente dividido em três partes: a supostamente feminina (com brinquedos com alusões a contos de fadas), o supostamente masculino (com a diligência e a taba dos índios) e, ao fundo, os brinquedos dedicados a exploração espacial, dentre os quais se destaca o Foguete, muitas vezes carinhosamente aludido como Foguetinho.

A versão original do brinquedo, como nos permite concluir as fotos do Arquivo Público de Brasília, são particularmente similares ao produto comercializado pela Miracle: haviam dois escorregadores (o nome do produto era Rocket Slide, Foguete Escorregador) e suas hastes eram ornadas com pintura em hélice colorida. Percebe-se na imagem que ao menos o escorregador lateral já não estava em uso, sendo bloqueado e eventualmente retirado. Ao longo dos anos o brinquedo passou por diversas reformas, recuperações, pinturas... até possuir o formato e cores que conhecemos hoje.

Em uma cidade planejada a partir da arquitetura moderna, o Foguetinho converteu-se rapidamente em um monumento pueril involuntário, uma das mais celebradas referências afetivas de seus moradores.



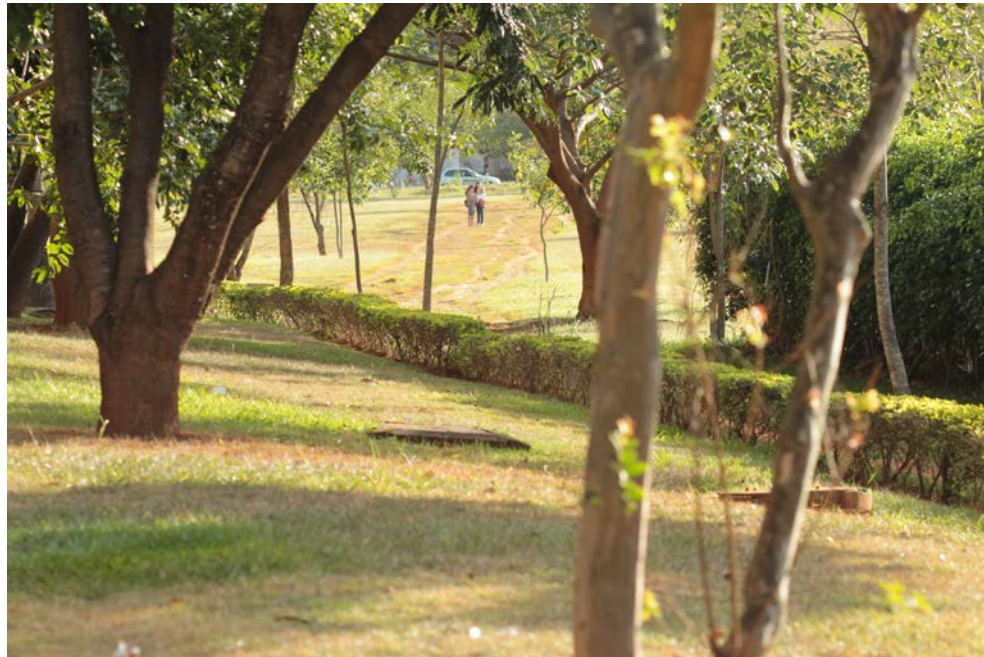
Satélite espacial instalado em Playground de Torence, Los Angeles. Revista LIFE, 15 de Março de 1963.



Foto do Arquivo Público do Distrito Federal.



Museu Aeroespacial de Brasília



Brasília, 04 de julho de 2015

Meu amor,

Foi uma longa caminhada entre aquelas árvores todas, o sol de fim de tarde e blocos de concreto. As pessoas estão dentro das casas, dá pra ter certeza pela quantidade de carros nos estacionamentos, já que gente quase não se vê na rua. Se bem que essa regra vale mais pras que moram, porque tem as pessoas que trabalham e essas eu vi passar.

8 km. 8 correspondências. Mas isso foi coincidência já que eu não sabia trajeto, encontro nem demanda das leituras. E a escala bucólica da cidade me permitiu criar paisagem, que é exatamente o que procuro compor quando leio as cartas de amor no caos da cidade. Dessa vez, com figurino casual, cartas em uma bolsa que parece a de uma funcionária dos Correios, eu

sai a devanear a procura, mais uma vez, de quem quisesse me escutar.

Deixa te contar uma coisa, quando me mudei pra Brasília pensava: essa cidade é muito interessante porque é desafiador criar em seus espaços urbanos. E desde então venho pensando em como fazer isso, venho experimentando a solitude que ela permite, o encontro com cada pessoa que passa por mim quando caminho por seus espaços. Os encontros parecem acontecer com mais calma, com mais tempo... Mas não sei, acho que foi isso que me impulsionou a pensar essa ação de leitura e de encontro com o vazio.

Tomadas as decisões mínimas pra que fossem bonitas na

potência da simplicidade, eu caminhei pelos lugares mais lindos da escala planejada e o trajeto foi se definindo pela beleza da cidade. Meu ponto de partida foi a 13, a quadra 313 do eixo norte. Caminhei até onde o sol me permitiu, quando escureceu interrompi as leituras.

Foram alguns quilômetros de caminhada na área residencial com paradas em estações: as regiões comerciais, fronteiras de facilitar cotidiano mas que pra mim não tinham outra função a não ser abrigar potenciais fracassados destinatários das cartas que portava na bolsa.

Ah! E o exercício da liberdade criativa de me permitir não encontrar a situação ideal para realizar a leitura! Só que a natureza do mundo é bonita por si e eu pude fazer a entrega de 8 correspondências, diferente de quando leio na loucura a cidade trânsito

de caos do calor do asfalto publicidade ao alcance a todo tempo, onde leio entre 20 e 30 cartas. É um frenesi, leio pra uma depois pra outro na sequência e na velocidade das demandas da urbe.

Ao fim de tudo, agora, tudo que tenho é tão intangível, sabemos apenas eu, um destinatário e um remetente...

Enfim, meu bem, essas composições fotográficas são pra gente viver de leve as mesmas paisagens, porque a gente se encontra em corpo, em coração e na forma como olhamos o mundo. Porque as coisas que criamos juntos, todas as coisas, - será possível?! - me impulsionam a querer mais com você.

Minha imagem na sua imagem, com amor.

Nadja Dulci.



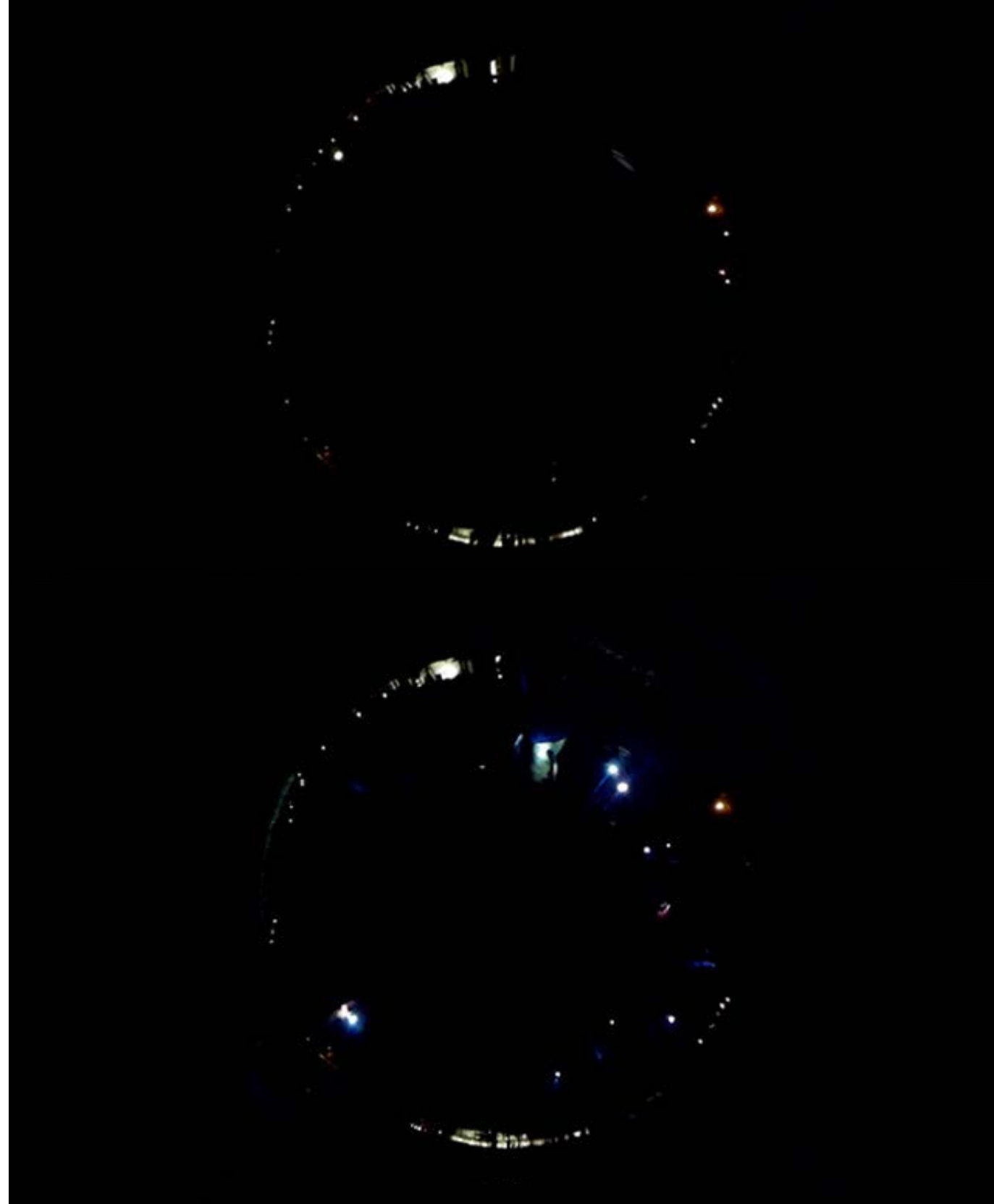
velocidade da luz Nina Orthof

[ensaio para uma video-performance]

em passos lunares, pequenos satélites caminham órbitas projetadas e deixam traços incendiários. ante a duração do impossível, a surpresa se fez presente. corria a moça com cosmos na barriga, a bicicleta que carregava as estradas do mundo nos pneus, a miúda menina que traçava o espaço certo e os lunáticos amorosos.

Lanterna mundana, espaço ordinário e uma composição cósmica. a velocidade da luz sequestra a realeza e a ferocidade de tamanha rapidez e torna-a relativamente boba e profundamente vulnerável. concretiza com poeira e beleza sete voltas ao redor do planetário.

velocidades lúcidas,
revoluções mínimas.







translúcida, minúscula. durante três minutos surge numa caverna da cidade. foi vista do alto, de um resto de terra suja, sobre pedras quadradas e vestígios de roupas. assim como o arco-íris, a lua do meio dia surge como um fenómeno ótico, promovido pela retenção da luz da lua cheia da noite anterior, na memória de nossas retinas. alcançaremos a lua ao meio dia, próximo às duas naves brancas, e nós, dentro da caverna.

à noite, lua acima.
meio dia, lua holográfica
na caverna urbana.

ilusão contemporânea
outro espaço

das aventuras da cidade,
gosto de estar embaixo do
viaduto, lugar de abrigos
noturnos. gosto de estar
na caverna urbana, quando
ocorre a inversão.

à sombra do meio dia, a
contemplar a pequena lua.



> [Clique para acessar
o vídeo.](#)



caminhar é velejar Tatiana Terra



Traço direcionado, contínuo.

Espaço delimitado: organizar o mundo

Distâncias, alcances, extensões, dilatações,
raios, graus, medidas. Lugar determinado.

Caminhar ao in-visível: Desviar

Reposicionamento. Contemplação.

Ver o visto não visto. Desvelar imensidões

Referências imaginárias, sentimentos oceânicos,
sonho, silêncio e solidão

Atravessar

Sem fronteiras. Horizontes por trás
dos horizontes, unicamente.

Isca

Portal

Lá, impensadas distâncias. Aqui, sucessões dos dias.

Lá, respirações da terra, mistérios do vento. Miragem.

Caminho do pensamento, travessia

A ponte é um pássaro longo

Caminhar é velejar.





ao mar que perdi Valéria Pena-Costa

Que desejo é esse de fazer um caminho impossível?

Que caminho é esse que, de tão somente imaginário, torna-se possível?

Desejo de encontro. O caminho que leva ao mar que perdi. E para não perde-lo mais vezes, registrarei o trajeto e criarei um mapa que assegurará encontros.

Meu périplo

Minha proposta se dá a partir de um texto encontrado entre velhos livros de viagem. Meus sentimentos de perda e anseio por restituição encontraram-se com os que ali estavam registrados e eram sentimentos e desejos gêmeos. Eu, que já fazia os esboços de um plano de viagem, intensifiquei minhas buscas e empreendi uma pesquisa obstinada que pudesse propiciar meu périplo. Vejam só, ainda nem falei do encontro, pois diante da complexidade dos planos, meu primeiro desejo era a viagem. Mas nunca duvidei de que a satisfação se completaria no encontro com o mar. Já faz tempo que perdi o mar de vista.

Rastros de água do mar

Encontrei, perto da estrada de areia, pistas de que eu estava no caminho certo: gotas de água marinha.

A pedra Água Marinha é uma variedade do berilo. Os gregos a conheciam como protetora das sereias.

Onde houver Água Marinha, terá sido mar? Serão rastros de água do mar?

Vestígios da água do mar, sedimentados pelo tempo, são pistas de que o destino é certo.

Gotas-pedras de Água Marinha são rastros do mar. Rastros d'água. Passos d'água.

Traçar caminhos aquáticos ligando filetes de água e rios.

Onde não houver junções entre rios e veios de água eu os liguei com gotas de Águas Marinhas.

Traçar uma rota pelas estrelas em consonância com os cursos d'água.

Se me desoriento em volteios de rios, as estrelas me restituem o rumo.

Os caminhos aquáticos serão conduzidos pelo caminho estelar.

Na terra pela água e no céu pelas estrelas.

Ao preparar a viagem, já estou a caminho

Com o Sextante aprendi a baixar estrelas. Trago-as para bem perto de mim, ainda que permaneçam no horizonte. Mas através de um sextante, o horizonte é ali. Aproximada, a estrela, marco pontos e horas minuciosas. Com os dados assinalados obtenho o chamado Triângulo da incerteza. Devo navegar dentro de suas possibilidades.

A navegação, seja no mar ou em terras desconhecidas (sobretudo não sinalizadas) nunca oferece certezas. Movimentos incertos e ilusões nos levam para lugares distantes do destino pretendido.

Posso localizar os pontos cardeais através da constelação Crux. Traçando-se uma reta a partir da estrela solitária do pé da cruz, com a medida quádrupla mais um meio da extensão do corpo do cruzeiro, encontramos o ponto de onde desce a linha perpendicular que tocará a terra no ponto Sul.

Encantada pela rosa dos ventos. Tenho desenhado obsessivamente essas rosáceas, mais pela beleza que por necessidade técnica.

O tempo me preocupa. Quanto dele levarei para cruzar um terço do continente?

Para encontrar o mar, não posso perder o tempo.

corpo sismógrafo e sismogramas de borra de café ZMário

Brasília-DF, 7 de julho de 2015.

Ao meu companheiro de viagem: o fotógrafo

Caro amigo,

Logo de início, peço-lhe desculpas pela minha traição... Nas estradas da vida, as emoções nos tomam de maneira tão intensa que, muitas vezes, já não distinguimos quem é indiferente ao nosso caminhar daquele que segue firme ao nosso lado; quem nos afeta profundamente e faz nosso corpo tremer... A propósito, o motivo pelo qual traço essas linhas tortas é o de compartilhar os detalhes do Corpo Sismógrafo e sismogramas de borra de café... Soube que você assumiu compromisso naquele sábado, 04 de julho, e, ainda assim, estive lá, ao meio-dia, entre o Shopping Conjunto Nacional e o CONIC, para registrar minha ação – o que torna este pedido de desculpas ainda mais urgente, embora não me arrependa do que planejei...

Você se recorda de quando falava do meu interesse pela relação estabelecida entre o performer e “o outro”, a alteridade, durante uma ação nas ruas? Você me indagava: “– Que outro é este?” Pois, então... Minha proposta, desde o início, foi a de retomar o uso do pó de café (desta vez, a borra do café) como vestígio da ação de um Corpo Sismógrafo na construção de uma linha – forma já muito referenciada na História da Arte nas produções dos artistas conceituais, da Land Art e da Performance Art. Você deve saber que o sismógrafo funciona como instrumento de medição das ondas sísmicas e detecta os movimentos do solo – os terremotos. Com base na ciência, utilizo a imagem de um Corpo Sismógrafo no universo da minha produção artística para correlacionar os seguintes elementos: meu corpo, como o próprio sismógrafo; a colher inox, como a caneta do sismógrafo; a borra do café, como pigmento para o registro das ondas sísmicas: a ação do outro sobre meu próprio corpo, sendo a

cidade, a rua, o suporte do resultado de tais ações. Segundo os estudos da Física, existem quatro denominações para as intensidades das ondas sísmicas, porém, a que mais me fascina na construção desse trabalho é aquela chamada “onda amorosa”. E, justamente por ter esse nome – embora seja a mais perigosa, de ação devastadora na natureza –, fiz uso como elemento de minha poética. No caso dessa produção, as ondas surgem sobre a terra: as ações dos transeuntes.

Este meu Corpo Sismógrafo é “hipersensível, portanto, suscetível em excesso [...], com a emoção à flor da pele”, é nômade em performance, e ama “a estrada, longa e interminável, sinuosa e ziguezagueante”, como diz Michel Onfray. Já meu intento de percurso performático é um fracasso anunciado, uma vez que não foi possível armazenar borra de café suficiente para se chegar à outra Asa (CONIC). Das quatrocentas colheres de sopa da borra de café de que necessitava para completar todo o percurso, foi possível armazenar apenas cento e setenta, sendo que cada colher equivale a um passo da caminhada. Minha única garantia nesse trajeto foi a da partida, Asa Norte (Shopping Conjunto Nacional), quando os “terremotos intensos” – as ondas amorosas representadas pelos transeuntes – me lançaram adiante com sorrisos e empurrões... Ali meu corpo tremeu, da mesma maneira que os vendedores ambulantes tremem diante da chegada da fiscalização municipal – a ameaça do “rapa”...

Minutos antes de iniciar minha caminhada, tomei uma xícara de café espresso extra forte. Esse foi “o método” que elaborei para acionar meu Corpo Sismógrafo em performance. Logo em seguida, ao meio-dia, me posicionei na extremidade da passarela junto ao Shopping Conjunto Nacional para dar início à minha jornada rumo ao inalcançável... Deixei as sandálias para trás e segui meu caminho como um Corpo Sismógrafo destinado ao registro das “ondas sísmicas”: as i(n)terações. Durante a performance, minha linha começou a tomar forma pela mão de um corpo forasteiro e fronteiro, em processo de desterritorialização, migrante, imantado com uma carga de energia vital intensa em busca do desconhecido. Tudo isso marcado com a borra de café, mais um desdobramento do Café com ZMário. O cair do café, de uma Asa a outra, formava uma linha em ziguezague, trêmula, sinuosa, por vezes, cambaleante, mas sincera.



Assim que posicionei a colher do Corpo Sismógrafo para frente, acima do solo, os registros das “ondas” logo se apresentaram: “– Olha o Nescau!” “– Falta água para o café!” “– Olha o cafezinho!” “– Café do Sítio!” “– Sabia que ele ia aparecer, só faltava esse do cafezinho aqui... aqui dá de tudo!” “– É protesto porque o café tá caro!” “– Ele deve ser famoso, olha quanta gente fotografando!” “– Ajuda ele a levar! Pega a colher aqui, ajuda ele chegar até lá, ajuda!” “– Ele é maluco, né? Dá um remedinho pra ele!” “– Já fiz isso aí quando usava cocaína, a polícia me prendeu...” “– Sai daqui, vai! Sai, sai, logo!” “– Essa poeira tá sujando nossa mercadoria, dá pra sair daqui?” “– Tá vendo? Ele chegou aqui na minha barraca e o café caiu, faço tudo tremer...”

Quando a linha passou a marcar o solo, as “ondas” registraram o inefável: “– O que é isto?” “– É pólvora!” “– Xô, chuta que é macumba!” “– Encruzilhada!” “– Que simpatia é esta?” “– Isto é oferenda!” “– Maria Padilha!” “– Ele está demarcando o território!” “– Isso é coisa de gente esperta!” “– Olha os pés! Esse sol tá quente!” “– Quer um copo d’água?” “– Ele vai conseguir pagar a promessa!”

Amigo, após a performance, aprendi que iniciar uma jornada fadada ao fracasso é como saltar para um abismo de olhos bem abertos... E de olhos bem abertos, sedentos por um abrigo, avistei o ponto limite da minha ação. Após duas horas de percurso, sob o sol inclemente, com sobras do café ainda no coador, decidi parar no meio do caminho, à sombra do primeiro ponto de ônibus que encontrei. Nunca desejei tanto um descanso como aquele – a parada de ônibus como um Oasis, onde recuperei as energias do meu Corpo Sismógrafo para logo sair dali, sair da performance...

Por não ficar circunscrito ao espaço institucional dos museus e das galerias, e ter optado por não corresponder às demandas dos editais, às exigências do mercado de arte contemporânea, este é meu castigo: “Qual castigo? As pontes, as ruas, as calçadas, os porões, as bocas de metrô, as estações ferroviárias, os bancos de praças públicas – o aviltamento dos corpos e a impossibilidade de um porto, de um repouso”. Doce castigo!

Querido amigo, buscador de imagens, nessa jornada fadada ao fracasso, coloquei “meu corpo à disposição do inefável e do indizível”

para, desta maneira, sentir as ondas sísmicas (alteridade) e transformá-las em palavras... Minha carne ainda treme diante da lembrança daquele(s) outro(s) e, assim, permanece à disposição do mundo, registrando todos os movimentos através de um sensor pele; um eriçar de pelos; um oscilar de uma colher, que deixa um rastro pulverizado, um vestígio de café passado pairando como nuvem sobre a cidade. Nesse percurso, encontrei um outro que não tomarei a rever, provavelmente, uma “alteridade gratuita”, uma “pura alteridade”... E nesse aqui e agora, meu “corpo abalado, tenso e disposto a novas experiências, registra mais dados que de costume [...] e armazena o difuso, o diverso”.

Meu caro, devemos “celebrar prioritariamente o que em nós treme e se eletriza, se mexe e se carrega de energia, faz oscilar a agulha do [corpo] sismógrafo, em vez daquilo que apenas faz o cérebro trabalhar”. Nessa trajetória artística, nas produções de performances, você foi escolhido como meu companheiro inseparável. Sempre ao meu lado, tentando traduzir em imagens meu corpo em relação com o outro, nos diversos espaços da cidade. Já lhe contei que meu objeto de pesquisa não está associado à busca de outras formas de documentação da performance. Mas a performance como arte do encontro; relação; construção de intersubjetividades nas encruzilhadas do eu com o outro. Por outro lado, seu papel como aquele que documenta essas trocas tem afetado profundamente minha maneira de ser e estar em performance, e isso vem me causando um certo incômodo... Hoje, para mim, não há nada mais dispensável, ao término de uma ação artística, “do que um dilúvio de vestígios, uma abundância de fotografias – como a histeria contemporânea e turística que consiste em registrar tudo com seus aparelhos digitais e se arrisca a reduzir sua presença no mundo à mera atividade de filmar...”.

Traí sua confiança ao fazer você acreditar que, durante aquela performance, levava dentro da sua câmera analógica uma película nunca exposta à luz... E o que restou disso tudo? Muitas sensações que as dezenas de registros fotográficos não conseguem abarcar, mas que em uma “imagem expressiva”, captada pelos transeuntes com o uso de um celular, se configuram como documento legítimo daquele acontecimento. Você estava lá!?

Com meu sincero pedido de desculpas, agradeço.

ZMário.
corposismografo.tumblr.com



<https://www.facebook.com/events/428963540623624/>

Coordenadas Vagabundas

coordenação geral
Karina Dias

textos
dos artistas

edição e organização
Lucio de Araújo

revisão
Bruna Neiva

projeto gráfico e diagramação
Bruno Schürmann e Gabriel Menezes

fotografias
dos artistas e participantes

Revista Metagraphias

Editora: Luiza Günter
.....?????.....

